

LILI ST. GERMAIN  
TALIONS

GYPSY BROTHERS 2

SEIS

*Irmãos*



# *Seis Irmãos*

*Lili St. Germain*  
*Série Gypsy Brothers 02*

Eu menti.

Enganei.

Eu dei meu corpo e a minha vida para o homem que destruiu minha família e me deixou para morrer.

Eu já matei, pequei, e pior de tudo, gostei da miséria dos outros.

Lambi as lágrimas salgadas de um pai em luto, seu filho primogênito, e nada nunca provou ser tão doce.

Morri, e fui ressuscitada, a Phoenix das cinzas.

Sei que estou indo para o inferno. Vou queimar no fundo do poço do fogo ao lado de Dornan e seus filhos pelas coisas que fiz, e pelas coisas que estou prestes a fazer.

Mas não me importo. Vai valer a pena cada pingo das chamas do diabo em minha carne culpada de destruir Dornan Ross.

Um a menos, seis para ir.

*Os lutadores.*

*Não desista nunca.*

Ser injustiçado não é nada, a menos que você continue a se lembrar.

*Confúcio*

*Eu nunca iria esquecer. E assim, para mim, ser injustiçada foi tudo.*

**Traduzido e Revisado do Inglês**

**Envio do arquivo: *Leka***

**Revisão Inicial: *Cris Reinbold***

**Revisão Final: *Leka***

**Formatação: *Cleusa***

**Imagem: *Élica***

***Talionis***





**Comentário Cris Reinbold:** E a menina... que só queria ser... uma menina.

Traz no sangue a vingança. Traz no peito a dor de um amor.

E a menina que queria ser feliz... caminha mais milhas, e milhas...

E atrás dela vem um anjo salvador...

**Comentário Leka:** Seus sonhos mudaram, sua vida tomou um rumo que ela não esperava... e a vingança é o único objetivo, a razão de viver da Jules. Ela é forte, decidida e corajosa... porque precisa de muita coragem para o que ela passa e faz. Algumas peças se encaixam na história e deixam espaço para outra.

## Capítulo 1

Algumas pessoas me chamam de prostituta. Uma menina que vendeu sua alma ao diabo. Que o deixou entrar, sem nenhum remorso. Que dançou com o monstro que destruiu tudo.

Para essas pessoas, digo apenas isto: eu não tinha que vender minha alma a Dornan Ross. Ele já a possuía. E uma vez que eu o matei, talvez possa recuperá-la.

Quando penso sobre a vida antes de Juliette Portland que supostamente morreu, acho que é o sol do meio-dia, e a forma como ele pegou a água, fazendo um milhão de pequenos diamantes brilharem nas ondas da praia de Veneza. Acho que são risos e primeiros beijos gelados, cerveja roubada, e rodas-gigantes.

Penso o quanto eu amava Jason Ross, e como ele lutou bravamente para me proteger quando o resto de sua família estava me batendo e fodendo a uma polegada da minha vida.

Penso sobre meu pai, e como sempre que ele estava perto, eu me sentia segura, não importa o quê.

Penso na minha mãe, e como ela era indiferente a minha existência, até o ponto aonde meu pai ia me levar para longe de tudo, incluindo dela, para que pudéssemos ter uma vida livre do perigo constante que um clube como o dos *Gypsy Brothers* significava.

Penso em como, se ele tivesse conseguido, teria sido uma vida maravilhosa.

É verdade o que eles dizem *Mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda*. Só que se esqueceu de acrescentar: *Não mantenha seus inimigos tão perto que eles podem atacar sem*





*aviso. Esse foi o erro do meu pai. Essa foi a nossa ruína fatal.*

Quando eu estava planejando minha vingança, prometi não cometer os mesmos erros que ele fez. Permitindo que o inimigo ficasse muito perto, Dornan foi vice-presidente do clube, meu pai foi o presidente, mas ele veio a perder rapidamente o controle quando Dornan e seus filhos tiraram a vantagem.

Lembro-me de meus momentos finais, antes que apaguei, quando Chad e Maxi estavam me carregando na parte de trás da van para me levar para o hospital.

*—Por que nós não acabamos com ela e com ele? —Chad perguntou a seu pai enquanto ele lutava com o meu peso quase morto.*

*Dornan bateu a parte de trás da cabeça de seu filho mais velho e apontou para mim, ferida, coberta de sangue, um dos meus olhos inchados e o outro abrindo o suficiente para ver onde eles estavam me levando.*

*—Nós não podemos matá-la, — Dornan cuspiu. —Ela sabe onde está o dinheiro. —*

*—O dinheiro, — perguntou Maxi.*

*Dornan suspirou. —Vocês não me ouvem, meninos? O pai dela desviou dinheiro do clube enquanto eu estava ocupado com vocês, meninos e suas malditas mães nestes últimos anos.*

*Chad assobiou, me soltando atrás de uma van como um saco de batatas. —Isso é um monte de dinheiro.*

*Eu soluçava enquanto minha cabeça batia no piso duro.*

*—É, filho, — Dornan concordou. —Mas não é sobre a quantidade. Trata-se do princípio, entende?*

*Chad assentiu. —Você não rouba do seu próprio clube.*

*—Isso é certo. Agora pegue essa cadela e a leve ao hospital, para que possamos descobrir o que diabos eles fizeram com o meu dinheiro.*

*—E depois?*

*Tremi, observando-os do meu lugar no chão sujo da van.*

*Dornan suspirou. —E, então, nós terminamos com ela.*

Prometi não cometer os mesmos erros que meu pai fez. Mas aqui, agora, deitada presa debaixo Dornan enquanto ele me enche com sua raiva e tristeza, seu filho mais velho morto pela minha mão e o





funeral em apenas algumas horas, tem que saber se estou indo pelo caminho exato que levou a nossa destruição de todos aqueles anos atrás.

## *Capítulo 2*

A manhã está fria, o vento que vem direto do mar gelado, forçando os fios soltos do meu rabo de cavalo bagunçado. Eu corro na rua, uma mulher livre, por agora, encontrei uma nova saída numa escada de incêndio na parte de trás do clube, provavelmente esquecida há muito tempo.

Meu Nike rosa brilhante pisa no pavimento em contraste com as pernas bronzeadas quando corro para longe do clube. A minha meta é apenas poucos quarteirões de distância, na direção oposta a partir de Va Voom.

Tomo a rota cênica, mesmo que ela leve mais tempo e esteja fora do meu caminho, porque eu não vivi perto do mar por muito tempo, e não consigo ter o suficiente dele.

Cerca de dez minutos mais tarde, estou ofegante, mechas do meu rabo de cavalo aderem a meu pescoço. Costumava ser muito mais apta do que sou agora, mas o único exercício que fiz ultimamente envolve sugar o pau de Dornan, que não queima exatamente as calorias.

O estaleiro está abandonado na minha frente é cercado por um muro alto coberto com arame farpado, mas acho que um buraco rasgou nos elos da corrente e remexer dentro do quintal é confuso e pouco atraente, com as ervas daninhas altas, um edifício abandonado no meio do bloco com janelas quebradas. Do jeito que eu gosto uma incógnita para se encontrar.

Nós deveríamos estar do outro lado do prédio, um complexo de tijolos que já abrigou um escritório. Ele agora está vazio, o lar de aves errantes que podem passar através janelas quebradas para fazer seus ninhos nas vigas de madeira.

Quando viro a esquina na extremidade do edifício, eu o vejo.

— Elliot, — digo, sorrindo. Ele sorri, e meu estômago faz um flip. Passou uma semana desde que o vi. Entre toda a merda que caiu após Chad morrer, eu não tenho sido capaz de deixar o clube sozinha por mais de cinco minutos, muito menos atravessar a cidade para o estúdio de tatuagem de Elliot ou um telefone público.

Ele está bebendo café, olhos turvos e vestido com jeans e um moletom. — Hei, — diz ele, uma





pequena pausa depois que diz a palavra, como se ele não pudesse decidir como me chamar. Boa. Ele está aprendendo.

Quando chego mais perto, ele abre os braços, me puxando para um abraço de urso. Recuo no início, não é certo mostrar repentino afeto genuíno, antes de eu derreter em seu peito.

Ele me dá um beijo fraternal na testa e anda para trás, observando minhas roupas comuns. — Onde está o seu traje de sacanagem hoje? — Pergunta ele, colocando as mãos para cima quando vou dar um soco nele.

—Cale a boca, — digo, roubando seu café e tomando um gole. O líquido é preto e amargo, sem um traço de açúcar ou leite. Faço uma careta e entrego de volta para ele. —Cara, isso é nojento.

Ele sorri e pisca para mim antes de seu rosto fica sério.

—Ouvi sobre Chad, — diz ele, franzindo a testa profundamente gravada em sua testa. —Você está bem?

—Sim, estou bem, — digo. —Por que não estaria?

Elliot cruza os braços contra o vento revigorante, olhando-me apreensivo. —Puxa, não tenho certeza... talvez porque você é a única que o matou?

—Elliot— Protesto. —Jesus Cristo.

Ele dá de ombros e bebe o café. —Bem, o que devemos falar? Do clima?

—É porra de congelamento.

—Você nunca xingava quando estávamos juntos, — diz ele. —É sexy.

—Muita coisa aconteceu desde que você me deixou, — digo, com ênfase no *you se foi*.

—Por que você gostaria de se encontrar neste lugar, de qualquer maneira? — Elliot pergunta, aparentemente ignorando a minha brincadeira não tão sutil por ele terminar comigo. Ele estica o pescoço para olhar ao redor. —Certamente há lugares mais agradáveis para o nosso *encontro*.

Reviro os olhos. —Você trouxe as coisas que eu pedi para pegar?

Ele suspira. —Ainda não sei como me sinto sobre entregar essa merda para você, Ju, — ele para no meio da frase, olhando para mim. —Qual é o seu nome de stripper de novo?

—Astrid Jewel, — digo, — babaca.

—Astrid Jewel Babaca? — Suas sobrancelhas lançam-se para cima. — Uau, bem, isso é um nome interessante. — Ele puxa um pequeno pacote plástico do bolso da calça de brim e esbofeteia em minha mão aberta.

—Caralho, — digo, embolsando o pacote.





Ele sorri como um gato de Cheshire<sup>1</sup>, mostrando os dentes, antes de soltá-lo e ficar sério mais uma vez.

—Estou preocupado com você. Jesus, Julz, você é tudo em quem eu posso pensar agora.

—Estou bem, — respondo com a voz entrecortada.

—Você não está bem, — diz ele, batendo com o café para baixo no peitoral da janela atrás dele.

—Você acha que eu não sei o que seria necessário para entrar no clube de um homem como Dornan Ross?

Só assim, todo o seu comportamento muda como o toque de um botão. Eu quase posso sentir a raiva irradiando, a frustração.

O terror.

E entendo por que ele está agindo assim.

Porque ele me salvou de Dornan uma vez.

Nós dois sabemos que ele não será capaz de me salvar duas vezes.

—Você acha que sou uma garotinha assustada, Elliot? Porque, não sou. Eu cresci nesta vida, lembra-se? Minha primeira memória de infância sou eu malditamente vendo minha mãe chupando o pau de Dornan, pelo amor de Cristo. Esta vida não é nova para mim, tanto quanto você gostaria que fosse.

Ele esfrega o queixo, agitado. De repente, me arrependo de dizer o que falei.

—Elliot, — imploro, de repente, à beira das lágrimas. —Eu não posso fazer isso com você. Não posso. Se você não pode aceitar o que estou fazendo, talvez devêssemos parar de nos ver assim.

—*Parar de ver um ao outro*, —Ele murmura baixinho, em tom de zombaria. —Não, isso não vai acontecer.

Continuamos a lançar punhais um para o outro. Seus olhos são brilhantes e suas mãos estão fechadas em punhos. Eu mastigo meu lábio para impedir uma avalanche de emoções derramando. Não posso perdê-lo, não agora. Ele é a única pessoa no mundo com quem posso contar. Ele é a única pessoa que saberia vir e me procurar se eu desaparecesse num mar de traição, couro e Harley Davidsons.

Ele é a única pessoa no mundo que realmente se importa comigo.

Abro os olhos arregalados e enrolo em torno de modo que as lágrimas se formam e não vão rolar no meu rosto. A coisa estúpida é que eu nem tenho certeza do que quero mais agora, para

---

<sup>1</sup> Gato Que Ri é um gato fictício, personagem do livro Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol. Ele se caracteriza por seu sorriso pronunciado e sua capacidade de aparecer e desaparecer.





conseguir minha vingança contra os *Gypsy Brothers*?

Ou, para não estar tão fudidamente sozinha.

Parte de mim quer dizer o quanto ele me arruinou quando me deixou. Construir minha alma despedaçada de volta, pouco a pouco, durante três longos anos, apenas para arrastá-la na lama quando ele me deixou em pé, descalça, na garagem de sua avó.

Mas não vou. Tenho vivido dentro da minha cabeça por tanto tempo, eu nem sei como dizer essas coisas para ele.

Ele merece mais do que alguém como eu, de qualquer maneira.

É Elliot que finalmente rompe o silêncio.

—Você deve ligar para vovó, — diz ele incisivamente.

Emoção bate em mim novamente, e saudade. Talvez eu odeie Nebraska, mas amo essa mulher com cada pedaço de minha alma. A avó de Elliot. Os meus anjos da guarda, ela e Elliot, ambos.

Engulo bruscamente. —Não posso.

—Sim, você pode. Você simplesmente não quer.

—Eu quero, — discuto com teimosia. —Não é assim tão fácil.

Ele zomba de mim. —Ligue de um maldito telefone público, Julz. Não é como se ela fosse ver a sua *cara*.

Ele diz *cara* como se fosse à coisa mais feia do mundo, e recuo, a raiva e a tristeza turbilhão no meu peito.

Quero ir embora, mas não posso. Eu nunca poderia andar longe de Elliot.

—Ela sente sua falta, — acrescenta mais suave desta vez.

—Sinto falta dela também, — murmuro, olhando para qualquer lugar, menos para ele.

—Ainda não entendo por que você tinha que ir para a Tailândia para obter o seu rosto refeito.

Estamos em LA, a capital da Plástica do mundo. Embora, — diz ele, roçando um dedo contra minha bochecha, — eles fizeram um maldito bom trabalho de transformá-la em uma estranha. Se não fosse por... —Seus olhos vão para o meu quadril, e eu só *sei* que ele está falando sobre minhas cicatrizes, as que ele transformou em uma bela obra de arte, em vez de uma monstruosidade. Ele olha ofendido, como ele não tem certeza como terminar a frase. — ...Eu não iria mesmo acreditar que era você.

—Isso é uma espécie de ponto, — digo, lembrando-me da primeira vez que eu conheci o Dr. Lee, ocorreu-me que eu poderia realmente atacar Dornan e seus filhos. Pela primeira vez, a vingança parecia possível e minha língua salivava no doce sabor da vingança.





*Eu tinha dezoito anos. Elliot foi embora há vários meses. Eu mal estava me segurando. Estava olhando o jornal, tentando pensar em uma maneira criativa para me matar de uma vez por todas.*

*Afinal, ele foi embora. Vovó trabalharia durante todo o dia no restaurante. Não haveria ninguém para me encontrar.*

*Claro, o jornal local não informou muito sobre suicídios. É mais do que eu estava folheando o jornal à toa, meu cérebro se estende a pensar em maneiras de algo indolor.*

*Ouvi falar de uma droga que poderia se conseguir no México. Algo que ajudava a escapar, a cair em coma e derivava a morte espontaneamente. Mas o México estava muito longe e eu não tinha exatamente um passaporte.*

*Não queria me enforcar. Se não conseguisse, eu não queria ser um vegetal, ficar na unidade com o pescoço quebrado. As emanções do carro eram insuportáveis quando tentei o gás na garagem. Eu não ia fazer isso de novo. E, por mais que odiasse admitir, me machuquei pra caramba quando cortei meus pulsos. Eu queria uma solução mais indolor.*

*Mas a morte por minha própria mão parecia dolorosa e indescritível, não importa o quão criativa que eu fosse. Era uma horrível forma de morrer e estava com muito medo e miserável de viver esperando conseguir. Senti culpa aguda de sobreviver, também. Estava tão envergonhada que meu pai morreu quando eu fui salva, só para perder minha vida desejando a morte.*

*Ao ler o jornal, meu olho caiu em um artigo, e algo perigoso começou a vibrar em meu peito enquanto meu coração batia mais forte.*

*Não reconheci o sentimento em primeiro lugar. Fazia tanto tempo.*

*Esperava.*

*Um gelo e tremor, os seus rebentos estendendo a mão e em volta do meu coração enegrecido, apertando suavemente, me fazendo ofegar. Arrepios surgiram em meus braços nus espontaneamente, e algo duro e desconfortável balançava na minha garganta.*

*Medo. Excitação. Devastação. Saudade.*

*Na superfície do artigo nada de especial. A convenção do cirurgião, sendo realizada em Lincoln apenas algumas horas de carro da casa da avó. O artigo de fundo era sobre um cirurgião plástico, Ilio Lee, cuja família inteira foi morta por um paciente psicótico. Ele dedicou o resto de sua carreira para ajudar os menos favorecidos que precisavam de cirurgia para deformidades faciais e acidentes horríveis.*





*Eu não posso dizer quando veio à ideia de mudar minha aparência e conseguir minha vingança, porque, nesse momento, olhando para seu rosto, era como alguém plantasse essa semente em minha mente. E, quando eu estava lá sentada, traçando os olhos do médico com os dedos trêmulos, que um tum-tum-tum no meu peito foi, pela primeira vez, uma lembrança reconfortante de que eu ainda estava muito viva.*

*Roubei o carro da vovó naquele dia e atravessei uma tempestade enorme para chegar ao hotel onde estava sendo realizada a conferência. Quase voltei tantas vezes. O que ia dizer? E se ele dissesse a Dornan sobre eu estar viva? E, no entanto, eu estava no final. Não tinha mais nada a perder, mas a esperança de que floresceu sob o peso do que estava prestes a fazer.*

*Quando cheguei ao hotel, já que passava das três, e a conferência terminou.*

*Fiquei arrasada. Perdi minha chance de ver o médico e tentar implorar para ele me ajudar. Eu nem sabia se ele iria, mas ter perdido a oportunidade de sequer tentar foi à gota d'água. Saí do lobby do hotel para o estacionamento na frente. Meu plano final surgiu, para esmagar o carro em um pilar do viaduto da rodovia em alta velocidade e é só acabar com tudo.*

*E então, como que por magia, como se pelo destino o médico estava lá, esperando sob o abrigo de um ponto de táxi na frente, a mala na mão.*

*Hesitei, mas apenas por um segundo, antes de me cobrar ir até onde ele estava.*

*Eu poderia dizer o que falamos, mas não importa. Tudo o que importa é que ele concordou em me ajudar, e ele fez.*

*Naquela noite, voltei para a casa da vovó renovada, o meu espírito subindo. Eu tinha finalmente encontrado algo para viver, e não era Elliot, não a culpa de uma vítima, e não as planícies do deserto sem fim que me sufocavam cada vez que olhava para fora da janela.*

*Vingança, pura e simples. Decidi, então e ali, destruir o clube de Dornan e sistematicamente destruir sua família, e sabia exatamente como chegar debaixo de sua pele.*

*Vovó ficou surpresa a me ver. — Eu pensei que você tivesse roubado meu carro, — disse ela, com o rosto enrugando num sorriso.*

*—Eu fiz, — digo alegremente, deixando cair às chaves sobre a mesa. — Enchi o tanque de gasolina, no entanto.*

*Ela sempre foi uma mulher perspicaz, inteligente e observadora como seu neto. —Você está diferente, — disse ela para mim, seu sotaque sulista me fazendo ficar fora de sua cada palavra. —Feliz.*





*Sorri meu coração batendo animadamente no meu peito.*

*—Eu decidi que a vida é muito curta para ficar me lastimando,— respondi, apertando minhas mãos trêmulas em punhos para mantê-los ainda. —É hora de começar a viver de novo.*

*—Estou tão feliz de ouvir isso, — disse Vovó, fechando a distância entre nós e colocando os braços finos em torno de mim.*

*—Você deve ligar para Elliot, — disse, me dando tapinhas nas costas. Eu congelei.*

*Vovó recuou e bagunçou meu cabelo loiro. —Ele vai voltar para você, menina, — disse ela em voz baixa.*

*Mas ele nunca fez.*

*—O que você está planejando fazer com essas coisas, afinal? — Elliot pergunta, mudando de assunto abruptamente.*

*Eu saio com um sorriso perverso, um que posso sentir todo o caminho até aos meus olhos. —É uma surpresa, — respondo.*

*Ele apenas sacode a cabeça, mas um sorriso puxa o canto da boca, ameaçando transformar-se em um sorriso total. —Você é a pessoa mais forte que eu já conheci.*

*Algo sobre isso me entristece muito, meus olhos se enchem de lágrimas. Viro meu rosto, irritado que ele tem de me ver assim.*

*—O que eu disse? — Pergunta ele, estendendo a mão para escovar minha bochecha com o dedo.*

*Balancei minha cabeça. — Nada, é estúpido. Não importa.*

*Ele é sábio em não me pressionar, ele sabe quando não quero falar.*

*É bobagem, realmente. *Você é a pessoa mais forte que eu já conheci.* É tudo uma mentira, no entanto. Não estou fazendo isso porque sou forte. Estou fazendo isso porque estou com medo do monstro na minha cabeça.*

*O monstro na minha cama, aquele que matou meu pai.*

*O monstro que me destruiu.*

*Estou fazendo isso porque eu só quero ser capaz de dormir à noite sem ver seu rosto.*

*Isso não é força. Isso é *desespero*.*

*Elliot deixa cair sua raiva, seu rosto se transformando. E isso é quase pior. Ele me chama e fecha de novo seus braços o lugar mais seguro que eu já conheci, e luto uma batalha dentro de mim. —*





Eu não preciso de sua piedade, — digo, assim quando me agarro a ele, minhas lágrimas se infiltrando em sua jaqueta.

—Não é pena, — ele murmura uma mão acariciando meu cabelo selvagem, a outra agarrando apertado em volta dos meus ombros. — É amor.

Ele me aproxima, falando baixinho no meu cabelo. — Não conseguimos ficar juntos, mas acho que nunca vou desistir de você, menina. Isso nunca vai acontecer.

Meu coração quase *para*.

É como se alguém pegasse um picador de gelo e enfiasse no meu peito. Meu peito arde com a dor do amor não correspondido. É triste ou talvez não seja triste em tudo que *uma vez* eu amei Elliot. E continuo a fazer. Eu o amo por me resgatar. Eu o amo por salvar minha vida. Eu o amo por passar por três anos infernais.

Mas não, eu *não posso* amar *assim*. A maneira como você ama alguém quando ele é todo o seu mundo. Eu o amava para tudo, mas era em uma existência artificial, onde ele era o meu tudo, ainda não fui capaz de me dar a ele por completo.

Afinal de contas, o meu coração pertencia à outra pessoa. Alguém que fez a minha respiração parar na minha garganta. Alguém que eu amava tão ferozmente a partir do momento que pus os olhos em cima e ele quase se machucou. Alguém que iluminava todo o meu mundo, assim como ele acreditava que o meu acabaria nas mãos de sua família.

—Tenho um presente para você, — diz Elliot indo para longe de mim para procurar no bolso novamente. Ele pega um novo iPhone rosa quente, completo com um conjunto de fones de ouvido.

—Você não deveria ter feito, — digo, tocando o telefone delicadamente. —Eu amo isso.

—Estou listado como *Tattoo Guy*, — Diz ele, apontando para a tela. —Apenas no caso de que não saiba.

Rio, percorrendo a música que já está carregada no telefone. Há um monte de coisas. —O que é isso *playlist*? — Pergunto, tocando no botão e leio cada título da música.

— Janie's Got a Gun<sup>2</sup>? Red Right Hand<sup>3</sup>? Que tipo de coleção musical é essa?

—Bem, não é óbvio, — Elliot pede brincadeira. — É a sua lista de vingança. Se você insistir em fazer isso, você realmente precisa de uma trilha sonora.

Eu só balancei minha cabeça e sorri. —Lembro-me agora por que gosto tanto de você, —

<sup>2</sup> Música do Aerosmith- <http://www.youtube.com/watch?v=RqQn2ADZE1A>

<sup>3</sup> Música dos Nick Cave & The Bad Seeds <http://www.youtube.com/watch?v=RrxPKps87k>





digo, sorrindo deslizando o telefone no bolso.

—Meu pênis é muito grande? — Elliot brinca quando começamos a caminhar de volta para a cerca.

Empurro de brincadeira. —Porque não importa o que aconteça, você sempre pode me fazer rir.

## *Capítulo 3*

—Dornan, — digo suavemente, traçando as linhas profundas gravadas sob os seus olhos com o meu dedo. — Nós precisamos nos vestir. O serviço começará em breve.

Passa um pouco das oito, e o cortejo fúnebre e a carreta para Chad vai começar em algumas horas. Estou igualmente animada e aterrorizada, uma determinação recente para ter essa coisa terminada e resolvida nas minhas entranhas como uma camada de concreto: pesado, pressionando, e sempre lá para me lembrar do que é que eu preciso fazer.

Estou ficando impaciente. Tenho seis homens ainda para matar, e já estou aqui há quase um mês. Matá-los um por um, vai tornar-se ineficiente em algum momento no futuro próximo, mas por agora, estou presa com os métodos que tenho e isso é o melhor que posso fazer.

Dornan abre os olhos, jogando seu olhar sobre mim.

—Você está usando roupas de ginástica para a porra de um funeral? — Ele pergunta, com a voz rouca arranhando a minha pele de dentro para fora.

—Fui correr, — explicou. — Vou pular no chuveiro agora.

Ele agarra meu pulso, puxando-me de volta para seu rosto. —Eu não disse que você podia sair.

Coloco minha mão em seu rosto. —Eu apenas corri em torno do bloco algumas vezes, — digo, pressionando os meus lábios na sua testa por alguns instantes. —Eu nunca fui mais de alguns metros longe de você. Os meninos estavam contando as voltas para mim.

É uma mentira, mais uma que ele compra. Ele libera seu aperto e fecha os olhos novamente, afundando de volta em seu travesseiro. Estou sem saber o que fazer neste momento. Não posso ficar perto dele, mas tenho que fazer o meu papel.

Tenho que acabar com isso.

E ainda tenho que descobrir onde está a porra do vídeo que irá garantir que o mundo vai saber o





que Dornan Ross e seus filhos fizeram para mim e para as pessoas que eu amava.

Eu me dispo e ando nua para o banheiro, olhando atrás de mim. É neste ponto que Dornan normalmente me arrasta de volta para a cama, mas esta manhã é diferente. Estou na porta, encostada na armação, observando em silêncio enquanto Dornan veste o jeans e encolhe os ombros em uma camisa.

Ele está quase na porta quando estendo a mão e agarro seu casaco de couro.

—Dornan, — digo em voz baixa. Ele se vira, lentamente, cansado, e uma pequena emoção dispara na minha espinha quando vejo a total devastação gravada em seu rosto.

Dou um passo para frente e mantenho o casaco na frente da minha forma nua.

—Está frio lá fora, — digo.

Ele tira o casaco e abre um sorriso cansado. É o gesto mais gentil que ele já exibiu na minha frente.

—Sinto muito, — minto através dos meus dentes. —Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para você se sentir melhor.

Ele balança a cabeça, lambendo os lábios lentamente. Ele veste o casaco por cima do ombro e abre a porta para o corredor.

—Você e eu, menina.

Ele fecha a porta atrás dele e volto para o banheiro, encostada ao balcão por um momento. A luz do sol está fluindo através da pequena janela no alto na parede do banheiro, e ela atinge meus olhos, me deslumbrando. Fecho meus olhos, aqueles primeiros raios de sol do dia beijando minhas bochechas, e respiro fundo, saboreando o pequeno momento de paz e a forma como a brisa da manhã acaricia meu rosto. O ar fresco e a solidão são quase impossíveis de encontrar neste lugar, mas aqui, hoje, sinto uma sensação de calma e quietude que faz tudo parecer certo.

Eventualmente, o sol se move alto no céu, a brisa se torna fria, e passo para o chuveiro, deixando a água quente cair sobre mim. Aproveito meu tempo massageando xampu no meu cabelo antes de deixar o fluxo constante de água quente correr sobre a minha cabeça e no rosto, como se me limpeza de meus pecados.

Eu me visto devagar, saboreando cada momento. Um vestido preto liso que para no joelho e aperta na cintura, mangas cobertas e um decote modesto. Saltos pretos. Um batom vermelho e um pouco de rímel, e estou pronta.

Pronta para o desempenho da minha vida.





## Capítulo 4

O som da Harley Davidson invadiu o ar como metralhadoras em fogo automático.

Venice Beach, Califórnia. A família Ross é católica, então é claro que eles vão fazer uma visualização em caixão aberto antes do funeral. Eu não sou uma parte da visão, graças a Deus. Não quero ver como o rosto inchado de Chade está, como o artista maquiador escolhido tentou cobrir as manchas vermelhas de raiva em todo o rosto das drogas que ele inadvertidamente bebeu. Então, estou fora da funerária, lutando contra o desejo de bater o pé com impaciência, quando Dornan no resto do tempo familiar gasta com o reservatório vazio de Chad.

Eu me esforço para manter um rosto neutro quando me lembro de Dornan encontrando Chad.

*Jase e eu acabamos de jogar fora a cerveja que estávamos compartilhando e descemos para a grande sala que estava fora do corredor, ao lado da garagem, para um jogo de bilhar. Eu estava igualmente animada e nervosa... Acabei de matar outro ser humano, afinal.*

*Meu primeiro assassinato.*

*Eu mal conseguia manter o sorriso do meu rosto.*

*Quando era adolescente, tive o prazer de chutar a bunda de Jase na piscina quase todas as vezes que brincávamos. Não era que ele não fosse bom nisso, eu era apenas melhor.*

*Então, quando chegou a hora de voltar a jogar, eu não quero que haja qualquer chance de que se tornaria suspeito minhas habilidades.*

*—Quer quebrar? — Disse ele, depois de terminar de alinhar o triângulo de bolas.*

*—Quebre o quê? — Perguntei por ignorância.*

*—Quebrar, — Jase repetido. —Você já brincou na piscina antes, certo?*

*Balancei minha cabeça. —Eu acho que não.*

*Ele riu e me entregou o taco de bilhar. —Você bateu a bola branca nas bolas coloridas. Isso é chamado de ruptura.*

*Eu estava no fim da mesa de sinuca, a sugestão agarrando desajeitadamente em minhas mãos, e ele balançou a cabeça. — Aqui, — disse, mudando de modo que ele estava atrás de mim. Jase passou os braços ao redor dos meus, com as mãos cobrindo a minha quando nós seguramos o taco de*



*bilhar juntos.*

*A sensação de seu corpo pressionado no meu era o suficiente para tirar o fôlego. Respirei bruscamente, quase imperceptível, mas apenas o suficiente para ele perceber. Ele afastou-se como se eu tivesse acabado de eletrocutá-lo, a nova tensão no ar quase grossa o suficiente para ver.*

*Endireitei e olhei para ele, nenhum de nós dizendo nada por alguns momentos.*

*—Talvez devêssemos esquecer isso, — disse Jase, apontando para mim, então a mesa de bilhar. Mas nós dois sabíamos que ele estava falando mais do que isso. Jase quis dizer, talvez devêssemos esquecer isso. Estes fogos de artifícios, queimando a eletricidade sacudindo cada vez que estávamos perto um do outro.*

*Eu sabia exatamente o que ele quis dizer.*

*E eu não tinha intenção de esquecer.*

*Meu cérebro racional gritou para eu calar a boca, que seria melhor se nós apenas cumprimos a nossa distância, que quanto mais perto eu estava de Jase, o mais provável era que ele iria me encontrar.*

*—Não quero esquecer isso, — digo, dando um passo para engolir a distância entre nós. Eu me inclinei para trás sobre a mesa de bilhar, sugestão na mão, e inclinei a cabeça para o lado.*

*—Venha aqui e me ajude a quebrar essas bolas.*

*Jase riu, esfregando a parte de trás do pescoço com a mão, a maneira como ele às vezes fazia quando estava inseguro ou envergonhado. — E se eu não quiser, — perguntou desta vez com o riso iluminando seus olhos.*

*Sorri e me levantei, apontando a ponta do taco em sua virilha. —Então, vou quebrar suas bolas, — brinquei, voltando para a mesa.*

*Jase riu da minha piada, voltando-se para a mesa de bilhar, onde ele ajeitou a bola branca contra a quebra de linha.*

*—Você está segurando tudo errado, — disse, e quando abri minha boca para entregar outra resposta espertinha, ouvimos um grito de cortar o coração perfurado o silêncio, fazendo-me saltar.*

*—Que porra é essa? — Jase respirou, caminhando para a porta. Ele olhou para cima e para baixo no corredor, provavelmente tentando decidir de onde o grito veio. Um segundo grito, mais curto desta vez, fez virar bruscamente para a esquerda para a garagem onde eu deixei o corpo sem vida de Chad. Parei lentamente atrás dele, sem saber o que fazer. Eu não pensei sobre o rescaldo. Ficar para trás, ou ir em frente?*





*Foda-se. Eu queria ver o que estava acontecendo. Conhecimento podia ser o poder e tudo isso. Corri para a garagem e passei poucas motos à esquerda.*

*Apenas nesse momento, o zumbido da Harley começou o volume aumentando rapidamente quando dezenas de motos entraram no complexo. A enorme porta começou a abrir e luz inundou o espaço quase vazio. Jase correu para a porta, com os braços para cima, parando as motos que estavam prestes a ocupar seus lugares.*

*O som dos motores era ensurdecedores, reverberando nas paredes de modo que parecia que eu estava dentro de um motor. Queria tampar meus ouvidos, mas não fiz.*

*Não podia mostrar fraqueza perto destas pessoas.*

*Dornan tirou o capacete e deu de ombros para Jase, como que dizendo o que diabos você está fazendo no meu caminho? Os braços de Jase se movimentaram, e ele apontou para o que assumi que era Chad. Dornan chutou para baixo o suporte da moto e pulou fora. Ele brevemente se virou para encarar os vinte e poucos motociclistas que empilharam em uma grande fila, esperando para entrar e estacionar suas motos. Fez um movimento girando com o dedo indicador e, em seguida, apontou para o espaço aberto longe da porta.*

*Motos começaram a ir para trás. Havia todos os tipos de gritos e tumulto, mas assim que as motos da frente se afastaram da porta, Jase apertou um botão na parede, fazendo fechar novamente com um baque pesado.*

*Imediatamente, o barulho das motos diminuiu para algo administrável. Assisti da porta enquanto Dornan e Jase correram para onde Chad estava morto, a pessoa que gritou ainda impedido o meu ponto de vista por uma única camada de motos, estacionado em frente ao local onde ele teve seu último suspiro.*

*—Ele não está respirando, — ouvi uma voz em pânico dizer, e congelei. Minha mãe.*

*Fiz meu caminho para eles, a necessidade de saber o que estava acontecendo. A lata de bebida que acabou com a vida de Chad estava inocentemente no balcão, um pano de limpeza empoleirado ao lado dele.*

*—Veio para limpar os bancos e encontrei-o assim: — Ouvi minha mãe chorando. Eu dei um passo para frente ao vê-la ajoelhada no chão na frente do corpo sem vida de Chad, Dornan no outro lado com dois dedos pressionados ao pescoço de Chad, a mão de Jase livremente no peito de Chad, como se sentindo sua respiração.*

*Engoli em seco.*





*Não foi uma reação falsificada. De repente, eu estava apavorada. Acabei de matar alguém. Se eles descobrissem que era eu, eu seria uma mulher morta. Em primeiro lugar, uma mulher terrivelmente, dolorosamente torturada, mas em última análise, uma mulher morta.*

*—Alguém ajude! — Chorei, apressando-me para frente. Jase levantou-se e agarrou meus ombros, me segurando.*

*—O que você está fazendo? — Exigi. —Eu sei CPR. Deixe-me ajudá-lo!*

*Jase agarrou meu cotovelo tão apertado, parecia que ele poderia quebrá-lo. —É tarde demais, — disse, um ar de finalidade em sua voz. —Ele está frio. Está morto há muito tempo.*



*Nós nos dirigimos para uma funerária em silêncio, Jase atrás do volante, me olhando, o corpo de Chad, na parte de trás de uma van, Dornan ajoelhado ao lado dele o tempo todo.*

*Era quase como se ele estivesse dizendo seu último adeus a seu filho primogênito.*

*Quando chegamos lá, Dornan chamou alguém pelo nome. Ele ainda estava calmo, então, ainda em estado de choque.*

*Lembrei-me de que parecia bem.*

*O cara não estava feliz em nos ver, mas ele disse a Jase para estacionar a van em volta, onde tinha uma maca esperando.*

*Dornan sentou-se em silêncio, como Jase fez. Eu pairava no corredor, um pouco afastada deles. Quase desejei que não tivesse me oferecido para ir junto, sabendo que se não fosse um filho Ross, se não fosse tão maldito chocante encontrá-lo, que eu nunca teria permitido juntamente com o que eles iriam classificar o negócio dos homens em um moto clube.*

*Depois de muitas horas, outro homem se aproximou de Dornan, um pedaço de papel nas mãos. Ele falou com Dornan em voz baixa, mas duas palavras saltaram as palavras que eu já sabia, porque fui a única a colocar em sua bebida.*

*Puro. Metanfetamina.*

*Vi como Dornan fez várias perguntas. Quanto ele havia ingerido? Sem agulhas, então, como entrou em seu corpo? E havia uma maneira que pudesse ser um acidente?*

*Quando o homem se afastou, Dornan respirou fundo, virou-se para Jase, e mordeu, —Eu vou matar o filho da puta que fez isso.*





Não há outra razão pela qual escolhi matar Chad primeiro, você sabe. Não só porque ele era um idiota e um estuprador.

Escolhi porque ele era o filho favorito de Dornan.

Eu o escolhi porque sabia que, se alguma coisa poderia conduzir o homem às lágrimas, era ele estar perdendo seu filho mais velho e vice-presidente.

Foi uma boa escolha.

## *Capítulo 5*

A igreja está completamente lotada, com os homens em couros com símbolos do clube, que se prolonga para os degraus da frente. Estou sem a minha escolta habitual, pela primeira vez, já que todo o clã Ross está ocupando as três primeiras filas da igreja, e fui relegada para a linha muito para trás, longe dos olhares de corte de todas as mulheres na família.

O serviço é chato, as pessoas falando sobre a família e sangue sendo sagrado e toda essa merda. Sintonizo em sua maior parte e estou assustada quando todo mundo de repente se levanta. No começo acho que deve ser mais, até eu ver todos fazendo fila para receber a comunhão. Uno-me a linha e tenho tempo com paciência, estudando as mulheres que optaram por fazer parte da família Ross. Lembro-me de alguns delas de quando meu pai era vivo. Outras são novas, mas são parecidas com o resto. Tenho um momento de julgamento quando me pergunto que tipo de puta estúpida escolheria uma vida como esta, até que eu paro e lembro-me de que não poderia ser sua escolha.

—O corpo de Cristo, — diz o padre, quando chego à frente, pressionando uma hóstia sobre minha língua. Fecho a minha boca e saboreio o pequeno pedaço de pão, uma vez que se dissolve em meu paladar. Nós fazemos o nosso caminho de volta para os nossos lugares, passo e vejo Jase sentado em uma fileira com seus irmãos sobreviventes. Dornan está na frente com sua esposa atual, mãe de seu quinto e sexto filho de um lado, a mãe de Chad, do outro. Ele segura tanto suas mãos com a demissão desesperada reservada apenas para os pais que estão sofrendo a perda de seu filho.

Pergunto-me, brevemente, como minha mãe se sentiu triste por mim.

Ou, se ela pensou em mim alguma vez.

Todo mundo está fazendo uma oração final antes de o caixão ser fechado. Eu vejo, com uma





sensação de satisfação, quando Dornan se desembaraça de sua atual esposa e fica ajudando a mãe de Chad para se levantar. A mulher está chorando, e dentro eu não sinto nada, só uma intenção fria e amarga. Talvez se ela tivesse tentado mais, o seu filho não teria crescido para ser um babaca assim. Não sinto remorso. O mundo é um lugar melhor sem ele.

O enterro no cemitério anexo à igreja é muito mais curto do que o serviço. Uma grande multidão se reúne em torno, o Sacerdote diz algumas palavras, fazendo todos rolarem suas contas do rosário para o outro, e o caixão é abaixado no buraco retangular perfeito que está a alguns metros do chão.

Um por um, a família dá voltas escavando uma pequena pá de terra próximo do porão e esvaziando lá em baixo. Eu vejo meus olhos brilhantes por trás de meus óculos escuros, quando a esposa de Chad, Dornan, e a mãe de Chad deixam cair à sujeira em seu túmulo antes de recuar. Braços volumosos de Dornan cercam a esposa de Chad agora, quando ela chora por seu marido.

Minha mão coça para dar uma volta, para pressionar a pá na terra fresca, pegar e arremessar no buraco negro, onde Chad vai descansar para sempre. Apenas, na minha fantasia, o caixão está aberto e ele ainda está vivo, gritando, de boca aberta, quando empurro a sujeira para baixo sua garganta, sufocando-o até a morte mais uma vez.

É um pensamento doentio, mas estranhamente reconfortante.

Quando o funcionário assume encher o buraco, a multidão se dispersa. Do outro lado da multidão, vejo Maxi, o terceiro irmão, se afastando de todos os outros e em direção a uma parte mais antiga do cemitério.

Alguém pega meu cotovelo, me vira e vejo Jase com um olhar de trovão em seu rosto. —Vamos lá, — diz, andando de forma abrupta na direção de Maxi, comigo tropeçando nos meus calcanhares tentando me manter.

—Para onde vamos? — Assobio, lutando quando ele anda mais rápido.

—Para meu carro, — diz, me puxando junto. Estamos caminhando longe da maioria da multidão, que estão oferecendo condolências à Dornan e esposa do Chade nos portões do cemitério.

Quando passamos as lápides mais velhas, vejo Maxi, o terceiro irmão, claramente bêbado e urinando em uma sepultura. Continuo andando atrás de Jase, levemente enojada, até ver o nome impresso na lápide.

*Juliette Portland.*





Olho para o rosto de Maxi, e percebo em um instante que ele não está tão bêbado, e que sabe exatamente o que está fazendo. Ele está rindo quando seu fluxo de urina seca atinge a cobertura da laje de pedra da *minha* sepultura, o ruído do líquido contra a pedra zumbindo com raiva nos meus ouvidos.

Meus joelhos dobram, e Jase se vira para me pegar. —Você está bem? — pergunta.

Rasgo o meu olhar longe de Maxi e sorrio fracamente para Jase. —Sim, — digo. —Estes saltos são uma cadela para andar.

—Eles parecem quentes, no entanto, — uma voz enjoativa soa atrás de mim. Eu me viro para ver Jazz, o quinto irmão me admirando, com as mãos nos quadris. Levanto minhas sobrancelhas para ele.

—Eu sei, — respondo, olhando-o de cima a baixo antes de firmar o meu olhar sobre ele. —É por isso que eu os uso.

—Seria melhor se todos a vissem usar, — ele olha, me despindo com os olhos. Ele não me assusta. Cresci com meu pai, o presidente do clube de motocicleta. Tenho lidado com merda como ele toda a minha vida.

—Essa é a forma como o seu pai gosta, — digo, com um sorriso malicioso e uma piscadela.

Jase de repente percebe Maxi arrumando a braguilha. Ele olha a partir da mancha úmida na *minha* sepultura para seu irmão, as mãos apertadas em punhos.

—Max, — diz ele, sua voz mal controlada, — por que você acabou de *mijar* naquele túmulo?

Maxi ri, reorganizando sua calça. —A cadela merece.

Jase encaixa, saltando para o irmão tão rápido, eu mal pego a ação com os meus olhos. Ele facilmente pega o maior, jogando o irmão embriagado no chão, colocando nele uma série de socos. Assisto a princípio, fascinada e estranhamente comovida, até que se torna claro que ele não estará parando a qualquer momento em breve. Pulo quando Jazz aparece ao meu lado, perto o suficiente para os nossos braços se esbarrarem.

Luto contra o desejo de me afastar, em vez de ficar de pé no meu lugar.

—Essa é a primeira vez que Jason saiu do seu lado durante todo o dia, — diz Jazz. —Você pode ser a garota de Pop, mas parece que há mais de um Ross pronto para enfiar o pau dentro de você.

Luto para manter meu rosto neutro. —Que porra é essa que você quer? — Digo nervosa.

—Querida, — diz com uma risada. —Estou apenas falando o que eu vejo. Meu irmão mais novo está te seguindo como um cachorrinho perdido desde que você apareceu. E eu quis dizer o que eu





disse sobre aqueles malditos sapatos. No minuto que Dornan a jogar fora, você estará *vestindo eles* enquanto eu a dobro sobre uma moto e mostro como fazer um passeio bom com eles.

Rio. —Sobre o meu cadáver, amigo.

Ele dá de ombros casualmente. —Isso pode ser arranjado, querida.

Eu só balancei minha cabeça, olhando para Jase quando pisa na nossa frente. Suas mãos estão cobertas de sangue, e a camisa branca salpicada de vermelho, também. Lancei um olhar sujo a Jazz antes de sair andando.

Eu fervo, enquanto caminhamos de volta ao carro, os olhos de Jazz queimando um buraco na parte de trás da minha cabeça.

Maximilian Ernesto Ross acaba de ganhar um lugar no topo da minha lista de alvos. E Jazz, se não tiver cuidado, pode estar logo em seguida.

## Capítulo 6

O velório foi realizado, e não na sede do clube, como eu achava que seria, mas na casa real de Dornan. Aquela em que sua atual esposa vive a mãe de seus filhos cinco e seis. Não era nada especial, uma casa de estilo bangalô térrea, tão monótona como elas parecem, para coincidir com a expressão monótona no rosto de sua esposa quando ela me viu.

Quando passo pela porta com Jase, ela me dá o olhar mais fulminante.

—Eu sinto muito pela sua perda, — digo, estendendo a mão para agarrar a mão dela.

Ela puxa a mão como se meu toque a queimasse. Não estou ofendida. Estive fodendo seu marido por um bom mês, e todo mundo aqui sabe disso.

—Célia, — Jase diz bruscamente. Ela se vira para ele, sua linguagem corporal me apagando como se eu não existisse, e o puxa para um abraço.

Quando Jase finalmente se liberta, eu já tenho um copo de vinho na mão, arrancado de uma bandeja. Não vou beber muito, não gosto de não estar no controle de mim mesma em torno desta família, mas uma para celebrar a miséria coletiva não vai doer. Estou surpresa quando Jase tira o vinho de mim e toma em dois goles, entregando-me o copo vazio.

Ele não disse uma palavra para mim no caminho para o velório, quinze minutos de carro muitos





desconfortáveis. Sei que ele está sofrendo. E não acho que isso tem muito a ver com o irmão moribundo.

Tenho certeza de que se trata de *mim*. Sobre o túmulo de Juliette Portland.

—Acho que você deve ir encontrar meu pai, — diz ironicamente Jase. —Você sabe, ele está provavelmente esperando até agora.

Olho para Jase. —Eu não acho que sua esposa iria apreciar isso. Só vou ficar aqui no fundo e ficar fora do caminho.

Pego uma taça de vinho e vago pelo corredor, passando por Dornan, que está falando com um grupo de rapazes com a insígnia e o símbolo do clube de todo o país. Eu faço contato visual com ele e ofereço um pequeno sorriso, recebendo uma piscadela e um olhar resignado em troca.

Uma menina, não mais de quatro anos vem correndo, rindo com um menino mais velho perseguindo-a com uma arma de brinquedo de plástico.

Ela se choca com os meus joelhos e seguro com as minhas mãos, para que ela não caia. A menina é uma coisa pequena, linda, com cachos loiros e os olhos mais azuis que eu já vi.

Ela olha para mim, os olhos arregalados. —Sinto muito, — diz, com a voz delicada e olho em volta, imaginando a quem ela pertence.

—Tudo bem, — digo, agachando-se ao seu nível. —Onde está sua mãe?

Ela aponta para a esposa de Chad, cujos grandes olhos azuis próprios estão jorrando lágrimas como um hidrante descontrolado. Algo morre dentro de mim quando chego e guardo um cachinho solto atrás da orelha da menina.

—Ela está triste, — diz a menina. —Meu pai foi para o céu.

*Eu não acho que é onde ele está.*

—Ei, menina bonita, — diz Dornan, pegando sua neta. —Você foi falar com minha amiga Sammi?

Engulo de volta um nó na garganta e levanto a cabeça, sorrindo para ela.

Quero salvá-la. Quero salvar todas as crianças que vão crescer nesta vida, levá-las para algum lugar que podem ser seguras e amadas, sem o estigma de ser um Ross, sem a imposição de ser o sangue de Dornan.

Mas não posso. Sou egoísta e quebrada. Só posso me salvar.

Só espero que uma vez que Dornan e seus filhos estejam mortos, estas crianças possam ter algum tipo de uma chance neste mundo.





Dornan carrega sua neta para fora e eu continuo pelo corredor, tomando meu vinho. Acho um quarto vazio que tem portas francesas que levam para fora a uma pequena área coberta que envolve o lado da casa. Tem sido um longo dia, e o sol já está começando a afundar.

Estou encostada na grade, olhando para nada, quando eu o sinto atrás de mim.

—Se importa se eu me escondo com você? — Jase pergunta, segurando o corrimão ao meu lado.

Sorrio e encolho os ombros. —Por mim tudo bem. Você está bem?

Ele abaixa-se para que seus cotovelos estejam descansando no parapeito e olha para o quintal, espesso, com árvores e arbustos, obscurecendo a visão. —Não é verdade, — diz ele, tomando um gole de sua bebida. Cheira forte, como Bourbon ou uísque, e parece que ele misturou com alguns cubos de gelo e não muito mais.

—É o funeral de seu irmão, — digo. —Claro que você não está bem. Sinto muito.

Ele ri amargamente e olha para mim, antes de voltar para as árvores e a noite se aproxima. —Eu poderia dar a mínima para aquele idiota moribundo. O mundo é um lugar muito melhor sem ele, acredite em mim.

Dirijo-me contra a grade, pegando seu olho. —Parece que você o matou, — digo em voz baixa, um pequeno sorriso para que ele saiba que estou apenas brincando. Ele endireita e olha para mim, tão perto que posso sentir nossos braços encostando. Inclino minha cabeça para olhar para ele. Ele olha com raiva. E tesão. E bêbado.

—É a menina, não é? — Peço, encorajada pela forma como ele está de pé. — Essa sepultura? Isso é o que tem você todo desarrumado —Não posso me ajudar. Eu chego e tiro um fio de cabelo de sua testa, deixando minha mão permanecer em sua pele um pouco mais do que deveria. Sua mão atira para fora e agarra meu pulso, apertando-o com força.

—O que você sabe sobre ela? — pergunta nada suave como seu comportamento foi até agora.

—Nada, — digo, não lutando. Eu seguro o seu olhar como os olhos queimando os meus, à procura de qualquer vestígio de uma mentira. —Quem era ela? — Pergunto, quando ele solta meu pulso e deixa a mão cair de lado.

Jase quebra o nosso olhar e olha para o lado, esfregando o templo. —Ela era a minha menina, — diz ele, e posso me sentir quebrar por dentro, sob o peso de suas palavras. —Ela era *tudo* para mim.

*Oh, Deus.* Minha respiração engata como a palavra *tudo* deixando sua boca e se envolve em torno de mim. Quero chorar, mas não posso. Não posso deixá-lo ver reagir, não posso dar alguma razão





para suspeitar de mim. Apesar disso, meus olhos ainda se enchem de lágrimas. Minha boca pode mentir, mas meus olhos choram lágrimas de verdade, por ele, por mim, por todos que Dornan já ajustçou.

—Sinto muito, — sussurro, segurando sua cabeça com as palmas das mãos. Eu fico na ponta dos pés e puxo a cabeça para baixo suavemente, molhando a testa com os lábios trêmulos. Quando me afasto, as mãos dele imitam a minha, segurando meu queixo. Estamos tão perto que nossos narizes estão quase se tocando. Eu posso sentir meu coração martelando no meu peito como um beija-flor preso em uma jarra, asas batendo desesperadamente contra o vidro. Apenas, o beija-flor quer sair, e não quero mover um centímetro de onde estou agora.

Os olhos de Jase mergulham nos meus lábios e sei o que ele está prestes a fazer. Meu cérebro grita em protesto, que podem nos pegar, que não posso beijá-lo e continuar mentindo, que eu tenho que parar com isso, mas meu corpo tem suas próprias ideias. Nossos lábios se encontram um pequeno suspiro vindo do fundo da minha garganta enquanto sua língua encontra a minha.

Seis anos, eu tenho sonhado com este momento. E agora que ele está aqui, eu não posso deixar isso acontecer.

—Nós não podemos fazer isso, — digo quando seus lábios devoram os meus. Afasto-me, apertando as mãos contra o peito duro e empurrando para trás. Ele me libera imediatamente, seus olhos enchem de vergonha? Arrependimento? Assim que nossos olhos se encontram, sei que estraguei tudo entre nós.

—Espere, — digo, agarrando seu braço. Ele puxa, apertando as sobrancelhas, todo o seu corpo enrolado apertado como uma mola prestes a estourar.

Ele arranca o braço para fora do meu controle e se transforma andando longe na noite.

Eu não o sigo. Em vez disso, fico lá em silêncio, um crescente sentimento de desamparo e de alarme me envolvendo.

Porque na próxima vez que ele me beijar, não vou ser capaz de afastá-lo.

## *Capítulo 7*

O velório continuou por horas antes de Dornan me encontrar. Ele estava bêbado e





completamente sem razão, para que eu nos levasse de volta ao clube no carro de sua esposa.

O lugar estava deserto, quando eu o levei para o seu quarto, a aura de morte em torno do lugar, obviamente, muito para a maioria. Deixei cair o conjunto de chaves do carro no criado-mudo e olhei como Dornan sentava na cadeira vinil preta no canto, a luz da lua a partir da janela criar longos cortes de luz em seu rosto. *Como cicatrizes*, acho e ando até ele.

—Você pode ir, — diz ele, olhando para o espaço.

Parte de mim queria ir. Voltar para o carro, encontrar Jase, e dizer tudo. Mas a outra minha, a vingativa cadela, ela queria ficar e aproveitar cada pedaço de dor e mágoa que vinha deste diabo de luto.

—Deixe-me tentar e tirar sua mente fora das coisas, — sussurrei, colocando minhas mãos em seus ombros.

Balanço minha perna sobre a cadeira, o montando. Seus olhos estão vidrados e ameaçam transbordar.

—Feche os olhos, — sussurro, arrastando quentes beijos molhados em seu pescoço. Ele está bêbado, e me obedece, para minha incredulidade.

Sorrio como sua ação tem o efeito desejado. Ao fechar os olhos, duas lágrimas são espremidas de seus olhos, caindo sobre seu rosto mal barbeado.

Eu me inclino para baixo, tocando meus lábios em sua bochecha direita. Meu paladar o revive para a vida, amenizado pelo gosto repentino de água salgada.

O gosto da vitória.

Ele pegou meu pai, a minha vida, e agora eu tomei seu filho mais velho dele. O sabor de sua tristeza me acena, e repito as minhas ações na bochecha esquerda, desta vez lançando a minha língua para fora para pegar seu desespero e beber-se, até a última gota.

Balanço em seu colo, a ereção já crescendo. Com o meu vestido preto do funeral engatado em torno de minhas coxas, há apenas um pedaço fino de renda preta e a calça preta de Dornan nos separando. Ele abre os olhos, e sinto que Dornan está surpreso com o jeito carinhoso que eu estou tocando. De certa forma, eu também. Mas a sua tristeza, devastação... é melhor do que se eu tivesse o amarrado e o feito sangrar por mim.

Sangrar lágrimas em vez de sangue, mas é tudo a mesma coisa no final. Tomarei todas as lágrimas que ele tiver por cada filho, e depois vou começar a deixar o sangue.

—Sammi... — ele respira, cravando os dedos na carne macia em meus quadris. Eu arrepio





cautelosa, mais uma vez. Ele nunca me chama Sammi.

*Só menina.*

—É tão difícil, porra como dói, — diz ele, me encarando com ardente intensidade.

Reprimo um sorriso quando me atrapalho com o zíper, o material esticado ao ponto de rasgar. Quando puxo o zíper com cuidado, da ereção brota uma gota de pré-sêmen brilhando na ponta. Aperto firmemente com uma mão, deslizando o dedo sobre a ponta de seu pênis com a mão livre. Eu não quebro o nosso olhar enquanto trago o meu dedo na minha boca e sugo o líquido salgado dele.

*Tristeza. Devastação. Perda.*

Ele enfia os dedos mais profundo a dor intensificando, mas ainda agradável. É como se ele estivesse segurando-me pela sua vida, e se esvaindo.

Sorrio, e seu olhar se encaixa, assim, a tristeza e submissão, à fome e à dominação.

—Você está me provocando, — diz ele, levantando meus quadris com força. Ele deixa uma mão no meu quadril e usa a outra para puxar minha calcinha de lado e guiar seu pênis na minha entrada.

Estou tão ligada. Uma transa de tristeza. Nunca alguém está mais vulnerável do que quando está debaixo de você, nu, exposto, e na iminência de vir.

Vejo tudo isso. Vejo através de sua fachada, seu controle, na escuridão de sua própria alma. Vejo as cicatrizes que me restam em seu frio coração morto, na pequena parte que tem a capacidade de cuidar de sua própria prole. Um instinto primal, humano que vive dentro dele, apesar de seu ódio, apesar de sua distorção abjeta. Ele me puxa para baixo sobre ele, enchendo-me completamente ao ponto da dor, e não posso deixar de lamentar.

Eu grito quando ele bombeia mais duro, as unhas ameaçando tirar sangue, Dornan está segurando meus quadris tão duros. Não há mais qualquer ternura em nenhum de nós. Somos como dois animais no cio, fodendo descontroladamente, vivos com a nossa alegria e desespero. Com cada curso áspero ele puxa para fora de mim completamente, então me bate com tanta força que eu vejo estrelas. Sofro por dentro, e isso é uma boa dor e uma dor dolorosa ao mesmo tempo. Cada pedaço de pele exposta está viva arrepiada, a respiração de Dornan no meu pescoço disparando terminações nervosas pouco, os lábios famintos sobre a minha boca em busca de conforto.

Sua expressão se torna aberta, nua, e dentro de mim ele está duro como pedra. —Vou... gozar, — ele consegue, com os olhos ficando pesados.

Aperto o queixo e levanto para que os nossos olhos fiquem fixos. —Olhe para mim quando





—você fizer isso, — eu respiro.

Isso é o suficiente para mandá-lo para fora do limite. Ele geme alto, seus quadris como um pistão em cima em mim, liberando tudo o que ele tem em mim. Parece intenso, este orgasmo, e dura vários golpes longos.

—Dê tudo para mim, baby, — sussurro em sua boca, meus olhos nunca deixando os seus. Eu o sangro até secar. Tiro tudo dele, até a última gota de tristeza.

Finalmente, quando ele acaba, cai com a cabeça no meu peito, ofegante, levando meu mamilo em sua boca.

Quando tento sentar, ele aperta os dentes em volta do meu mamilo, fazendo-me sacudir pela mordida súbita. Relaxo de volta para ele, sem me atrever a me mover novamente, à espera de sua liderança. Nós nos sentamos assim por um longo tempo, talvez 15 minutos, seu pau mole, mas ainda dentro de mim.

Eventualmente, ele libera meu mamilo e senta para trás na cadeira, me examinando com olhos cansados e fatigados.

*Os olhos de Jase.* Esse pensamento é devastador, então empurro muito, muito baixo com todos os meus outros segredos negros.

Ele traça as sobrancelhas com os dedos, passa as mãos pelo meu cabelo solto, antes de estabelecer o aperto na minha garganta. Não é apertado, mas não há dúvidas sobre o que isso significa, eu poderia estar no topo, mas ele está no comando. Estou surpresa quando sua voz rouca quebra o silêncio.

—Você parece tanto com ela, — diz ele, com a voz cheia de admiração. —Como?

Sei exatamente de quem Dornan está falando, mas não deveria. *Sammi* não deveria.

—Quem? — Pergunto inocentemente.

Seu aperto em torno de minha garganta aperta. —*Mariana*, — Diz ele, e dentro de mim eu sorrio. Cinco estrelas de ouro ao Dr. Lee e suas habilidades cirúrgicas surpreendentes.

—Quem é Mariana? — Pergunto, lutando um pouco quando o aperto continua enquanto a outra mão agora puxando duro no meu cabelo. Seu humor mudou definitivamente, também. A máscara está de volta e ele já não está mostrando nenhum sinal de vulnerabilidade. Ele está de volta a ser a cobra imprevisível, pronta para atacar a qualquer momento.

Balanço meus quadris um pouco quando o sinto começar a inchar dentro de mim mais uma vez. *Como ele está duro de novo já?* O homem é uma máquina do caralho, literalmente. Ele está claramente





dividido entre querer parar e querer continuar. Balanço mais rápido, com mais intenção, e suspiro quando ele me estrangula, cortando o meu suprimento de ar.

Seu rosto se contorce em ódio e desespero. —Mariana era minha amante. Minha amante. Dez anos atrás ela estava aqui comigo, até que descobri que ela estava me delatando para a polícia.

Meus olhos começam a verter água quando ele me estrangula um pouco mais, me sacudindo no efeito. Começo a ver manchas brancas e meus ouvidos zumbem com a falta de oxigênio.

—Você sabe o que eu fiz com ela? — pergunta. Balancei minha cabeça minuciosamente, congelada no lugar, quando ele começa a levantar os quadris e impulsiona em mim com força, ao mesmo tempo cortando minha traqueia.

—Cortei a língua para fora por contar asneiras sobre mim, — ele respira, suas estocadas cada vez mais duras, mais rápidas.

—Cortei os lábios fora por falar sobre o meu clube, — diz ele, chupando e mordendo meu mamilo endurecido.

—Cortei a cabeça por me trair e enviei a sua mãe, — ele termina, finalmente liberando seu aperto em meu pescoço. Eu imediatamente começo a engasgar, minhas mãos na minha garganta estrangulada, cheirando o ar almiscarado.

—Uh-uh, — ele me repreende, levando meus pulsos e fixando ao meu lado quando continua a empurrar para dentro de mim. Ele sorri sombriamente, admirando meu pescoço. —Eu quero ver as cópias da minha mão em você.

Continuo a bufar, lutando para tomar uma respiração completa, ainda tonta.

—Enrole suas pernas em volta de mim, — ele ordena, e obedeço, segurando minhas pernas em volta de sua cintura como manda. Ainda dentro de mim, ele leva três passos rápidos, me batendo na parede, me espetando com seu pênis enquanto minha cabeça bate no concreto e vejo estrelas.

—Olha, — diz, empurrando o queixo para que eu esteja enfrentando o seu espelho. Vejo a mim, corada, parecendo completamente fora de si, com duas impressões de mãos vermelhas de raiva no meu pescoço. Ele sorri, traçando as marcas com a unha, enviando tremores involuntários através de mim.

—Você nunca vai me trair, Sammi? — Diz ele, plantando-se mais profundamente com cada golpe devastador, com os olhos brilhando de desejo e pecados.

—Nunca, — minto.





## Capítulo 8

Depois, quando Dornan acabou, fui tomar um banho. Todo o sabonete no mundo não vai lavar o sentimento de sua pele na minha, mas ensaboo de qualquer maneira, a água tão quente quanto posso suportar isso sem causar queimaduras, confortando quando ele morde a minha pele.

Quando termino, entro no quarto para ver Dornan se vestir. Sento-me na beira da cama, nua exceto por uma toalha em torno de mim, e olho.

Quando ele puxa a calça jeans e fecha em seu cinto, ele me olha, pensativo.

—Droga, — diz, como se o pensamento apenas lhe ocorreu. —Eu tenho bombeado você de esperma por semanas, menina. Você vai engravidar?

Sorrio apoiado em meus cotovelos, à fina toalha escondendo nada sobre o meu corpo nu. —Eu já cuidei disso, — digo, sorrindo.

—Bem, bem, — diz ele. —Mas, novamente, nossa, você é tão bonita que eu poderia precisar bater para mantê-la aqui.

O pensamento de criar outra criança relacionada a esta família me enche de pavor frio, a sensação se infiltra em meus ossos e passa a residir.

—Você não precisa fazer isso, — digo, rindo. —Eu sempre serei sua garota.

Ele aparentemente está pensando em me engravidar seriamente. —Você poderia ter um pouco de carne extra em seus ossos, — diz ele, acariciando minhas coxas sob a toalha. Ele puxa, me expondo ao ar úmido da noite, e desliza o dedo ao longo da minha fenda, segurando minha boceta com a mão. Eu me contorço um pouco debaixo de seu toque.

—Os peitos, — digo, tendo a outra mão e colocando-a para o meu peito. —Um bebê iria arruiná-los.

Ele retira a mão entre as minhas pernas e aperta ambos dos meus seios em suas mãos. —Eu poderia simplesmente comprar um pouco mais, — diz ele.

—Dornan! — Digo bruscamente, saindo de seu fodido aperto. Ele não pode estar seriamente pensando em me deixar grávida apenas algumas semanas depois que ele me conheceu.

—*Sammi*, — Ele imita, definindo a mandíbula quadrada e agarrando meu cotovelo. Antes que eu possa lutar com ele, Dornan me vira em meu estômago, o joelho pressionado em minhas costas, me prendendo no lugar.





—O quê? — Pergunto antes de ouvir um *bater* e sentir uma dor aguda no meu ouvido.

—Fique quieta, — ele instrui, deitando em cima de mim, me esmagando com o seu peso.

—Ouça-me. Você continua a tomar as suas pequenas pílulas, por agora, e quando eu decidir que estou pronto para mais um filho, você vai me dar os comprimidos e vamos fazer um bebê. *Eu* decido o que acontece. Entendido?

Aceno minuciosamente, presa e inútil. Eu o mataria antes de deixá-lo fazer isso comigo de novo. Prefiro morrer.

Aparentemente satisfeito com a minha resposta, ele me libera, e eu sento, recolhendo os lençóis em volta de mim. Minha próxima pergunta escapa meus lábios antes que eu possa pensar.

—E se fosse uma garota? — Pergunto a ele. Oh, Meu Deus. *Por que eu acabei de dizer isso?*

Ele sorri um sorriso largo que parece brilhante, ele corre o risco de quebrar a cara.

—Eu sempre quis uma menina, — diz ele. —Uma filha para chamar de minha.

Sorrio, engolindo grosso, porque se eu não fizer isso, vou gritar.

Ele puxa uma camiseta sobre a cabeça e veste sua calça de couro. —Vou voltar para ver a minha mulher, — diz ele com desdém. —Pobre mulher amava Chad como se ele fosse seu próprio filho. Ela está devastada.

*Ela provavelmente está transando com prazer, penso.*

—Vou sentir sua falta, — digo, porque este é o meu papel e é isso que eu tenho que dizer.

—Vou dizer a Jase para ficar de olho em você, — diz ele.

—Você não precisa fazer isso, — digo de forma uniforme. —Estou bem. Vou estar aqui, esperando por você.

Ele inclina a cabeça para o lado, me examinando com frieza. Pesar o deixou exposto, sem corte, ainda mais fodido do que antes. Preciso começar a ser mais cuidadosa quando falo, porque ele é como um canhão solto pronto para explodir a qualquer momento.

—Deite-se, — diz, indo até suas roupas fúnebres descartadas. Eu o vejo quando ele extrai a gravata da pilha, o mesmo laço que usava para o funeral de seu filho apenas algumas horas atrás. Meu sorriso desaparece quando percebo o que ele vai fazer.

Ele se aproxima de mim com a graça de um tigre perseguindo sua presa e, de repente, estou com muito medo. Temo que sua súbita percepção sobre com quem eu pareço, Mariana, a bela puta que ele fodeu despertou alguma rixa antiga dentro dele, algum desejo de vingança. E, embora eu não acredite por um segundo que a sua vingança contra a mulher morta está garantida, posso entender por



que queima o desejo incapacitante para ter olho por um olho que deve ser correndo em suas veias.

—Você não está obedecendo, — diz, socando meu rosto, fazendo contato com a minha bochecha. Ele não bate muito duro, e felizmente o seu anel de casamento está em seu outro dedo, salvando a minha pele de ser cortada. Dói como uma cadela, no entanto, e estou segurando meu rosto, Dornan agarra meus tornozelos, me arrastando para baixo, de modo que estou deitada de costas. Ele me atravessa, e coloco minhas mãos na frente em um gesto defensivo, ele agarra e envolve o laço em torno delas com força.

—O que você está fazendo? — Pergunto quando luto contra seu reduto, a preocupação em minha voz tangível.

Ele me ignora, puxando a seda apertada e enfiando através da cabeceira de metal. Com um puxão, estou efetivamente presa no lugar.

A primeira coisa que faço é lutar, puxando as amarras que hoje estão em torno de meus pulsos, apenas tornando-as mais apertado, cortando minha circulação.

Sou tão estúpida. Eu treinei para isso! Sei cada manobra de autodefesa que Elliot me ensinou de cor. E eu simplesmente me deixei amarrar, mesmo sem uma luta?

Sou um idiota.

Eu vejo um brilho de metal, e a próxima coisa que eu sei, Dornan tem um canivete na mão.  
*Foda-se.*

Mantenho minha boca fechada e meu rosto passivo, porque se há alguma coisa que aprendi, é que as palavras e expressões podem assinar minha sentença de morte mais rápido que o meu silêncio.

Eu o vejo, um pouco ofegante, quando ele se aproxima.

—Você está certa, — diz, espertalhão. —Eu não vou dizer a Jase para ficar de olho em você. Vou deixá-la aqui até que eu volte em alguns dias.

Eu não respondo. A raiva queima dentro de mim. Como ele ousa me amarrar como um animal. Eu decido, aqui e agora, que é exatamente assim que vou segurá-lo quando é a sua vez de morrer.

—Você vai aprender Sammi, que a melhor maneira de viver e aceitar qualquer coisa que eu digo. Você está me ouvindo?

Concordo com a cabeça, os braços puxados impossivelmente firmemente acima de mim.

—Você é minha agora, — diz, deslizando sobre a cama. Ele pega cada um dos meus tornozelos e afasta, seis anos de pesadelos batendo em mim como um trem de carga.

Dance conforme a música, digo a mim mesma. Envie a ele. Faça-o acreditar na mentira.





—Eu sou sua agora, — repito imóvel, como ele traz o canivete contra a luz.

Que porra é que ele vai fazer com isso?

A questão deve estar escrita em todo o meu rosto, porque ele sorri, arrastando o metal frio a minha coxa.

—Você sabe, — diz ele, raspando a lâmina contra o meu clitóris, me fazendo estremecer, —Se você não quer fazer o que eu digo, talvez eu só vá colocar isso dentro de você.

Meus olhos estão lacrimejando. Estou apavorada. A única coisa que posso pensar é que ele gosta de me foder muito, com certeza ele não vai foder com a ponta da faca.

Ele parece ler minha mente. —Há outras garotas com bocetas apertadas como a sua, — diz ele, a ponta da faca mal pastando minha protuberância sensível, mas o suficiente para me fazer tremer em antecipação mortalmente.

—O que você quer? — Pergunto ofegante, lágrimas ardendo nos cantos dos meus olhos. —Você quer que eu implore? Vou implorar. Por favor, me solte. *Por favor, tire a faca.*

Ele sorri para mim. —Eu não quero que você implore. Implorar significa que eu possa ouvir. E você é minha. Eu decido o que acontece com você.

Ele arrasta a faca, de volta para minha coxa, e relaxo minuciosamente.

Vejo como sua cabeça desaparece entre as minhas pernas, mas eu não consigo ver nada, e de repente estou apavorada. Eu sinto sua respiração quente no meu clitóris, e gemo, lutando contra a seda que me liga, à procura de uma fuga inútil. Ele está me ameaçando com a faca, mas eu realmente não acredito que ele vai me fazer mal por algo tão pequeno como desafiá-lo em uma conversa.

Eu arqueio minhas costas enquanto a língua faz contato com meu clitóris, círculos rasos no primeiro que se tornam mais rápido e mais concentrado. Ele não põe a sua língua em qualquer outro lugar, apenas se concentra em meu clitóris, fazendo-me contorcer debaixo de sua boca. Um soluço morre na minha garganta quando ele para e levanta o suficiente para fazer contato visual comigo.

—Está bom? — Ele pergunta seus olhos ainda cheio de dor e ódio.

Concordo com a cabeça. —Sim, — sussurro. *Não chore. Não chore.*

Ele ri, retomando a lambar e chupar entre as minhas pernas. Meus quadris começam a moer contra seu rosto involuntariamente quando subo para esse pico que sua língua está me prometendo.

É tão incrivelmente bom, e, ao mesmo tempo, a palma aberta de Dornan repousa contra a minha coxa, a face plana de sua lâmina pressionou em minha carne, eu sei que ele não terminou de me provocar com promessas de dor. Posso engolir a minha vergonha, repulsa de mim mesma que poderia





ser despertada em tudo com este homem, e muito menos quando ele me amarra com uma faca na minha pele. São todos os tipos errados, e depravados, e não posso me ajudar, mas pergunto o que é viver aqui com ele o que ele está fazendo com a minha cabeça já confusa.

Como pode alguém tão cruel, tão terrivelmente desprovido de bondade, me faz sentir, fisicamente de qualquer maneira, isso maldito *bom*? Meu cérebro pode saber que o que eu estou sentindo é medo, mas meu corpo confunde com empolgação.

Acho que é tudo a mesma sensação de tremor e os batimentos cardíacos frenéticos no final.

Minhas pernas começam a tremer, mesmo que eu esteja tentando além da esperança de parar o que está prestes a acontecer.

Não goze, não goze...

—Goze para mim, baby, — diz Dornan, lambendo meu clitóris sensível quando meu coração bate lá e eu grito.

Gozo e parece divino. E depois de dor. Vermelho, esmagando a dor.

Grito tão alto quanto já gritei minha perna em chamas, quando Dornan esfaqueia seu canivete duro na minha coxa, afundando-o ao máximo. Ele olha para mim, claramente excitado, com que a escuridão ainda dançando em seus olhos.

—Pare de gritar, — ele instrui. Eu não posso. A dor é esmagadora, me quebra em pedaços ensanguentados.

Eu sinto uma mudança de peso quando ele deixa a minha linha de visão, em seguida, retorna com minha calcinha.

Ainda estou gritando quando aperto minha boca fechando, mas ele é mais rápido do que eu. De repente, estou gritando, mas o barulho não está saindo, um maço de rendas preta macia está na minha boca, efetivamente me amordaçando.

Não há nada pior do que estar com dor e não ser capaz de gritar ou berrar. O som de um grito, a sua própria vibração em seu peito, é uma pequena distração. O silêncio só faz a agonia pior.

—Se eu já não estivesse atrasado, eu ficaria aqui e foderia até que estivesse em carne viva, — ele diz, e acredito nele.

—Vejo você em poucos dias, — ele diz friamente quando olha para baixo, para a faca na minha perna. —Se você conseguir se libertar, limpe todo esse sangue de merda.





## Capítulo 9

A dor está se quebrando, e posso sentir cada pulsação do meu coração quando minha perna sangra sobre a cama. Fico lá por alguns minutos, cada pensamento consumindo a dor vermelha que está rasgando minha perna em duas.

Há uma grande artéria na perna, ele enfiou ai? Vou sangrar aqui, nesses lençóis duros, sozinha e amarrada?

Testo os vínculos em torno de meus pulsos, tentando ver se eu poderia soltar minhas mãos, mas é inútil. Ele me amarrou apertado. Aperto minhas mãos dormentes em punhos, tentando manter um pouco de sangue circulando nelas.

Quanto tempo vou ficar aqui? E se alguém me encontrar, nua e sangrando. Oh, foda-se. *E se Jase me encontrar?* É quase horrível demais para compreender. Porque, então, há a alternativa de *E se ele não me encontrar?* E se um dos outros irmãos fazem? Eles fizeram isso comigo uma vez, e foi quando eu não podia entrar numa luta. Agora, aqui deitada, nua, silenciada, e completamente vulnerável, eu simplesmente não posso deixar minha mente ir lá.

Olho em volta de mim, tentando ignorar a dor horrível na minha perna, quando eu percebo que é a resposta que estou procurando.

A faca.

Eu respiro fundo pelo nariz e aperto meus dentes em antecipação, usando os músculos abdominais para enrolar as pernas para o meu rosto. Obrigada para o fodido que não amarrou meus tornozelos, por que se não eu estaria verdadeiramente sem opções.

A dor na minha perna intensifica desde que eu estou movendo, e suspiro em silêncio ao redor da minha mordada improvisada quando eu vejo o meu sangue escorrendo da facada, a faca ainda afundou até o punho. Agora que minha perna foi levantada, o sangue começa a escorregar para baixo da minha coxa e faz piscinas na minha barriga nua, me fazendo tremer.

*Vamos. Você tem um único vínculo em suas mãos e uma faca em sua coxa. Isto é fácil.*

Não é fácil, mesmo para alguém que era um ginasta em seus anos de escola primária. Eu poderia ser ágil, mas não agora que só posso torcer e contorcer meu corpo quando fui esfaqueada e amarrada com ligas incrivelmente apertadas. Continuo a tentar várias formas de chutar minha perna para cima e em direção ao meu rosto e mãos, esperando que eu possa ser capaz de alcançar meus dedos





para segurar a faca e retirá-la. Eu rapidamente paro, precisando de uma pausa entre cada tentativa, já que estou ficando cada vez mais tonta e enjoada.

Finalmente, percebo que eu poderia precisar mudar a maneira que estou para que eu fique paralela à cabeceira, em vez do meio da cama. Embaralho meu corpo lentamente e sem jeito e franzo a testa quando vejo a mancha de sangue vermelho escuro que eu deixei para trás.

*Esse fodido estará comprando um colchão novo, falo para mim mesma.*

Eu me viro para torcer meus braços suficientes para chegar a uma posição sentada, e puxo imediatamente minha calcinha da minha boca. Estendo minha mandíbula dolorosamente e engulo uma lufada de ar profunda. Cuzão do caralho. Não posso acreditar que ele me esfaqueou enquanto estava me comendo. Isso me faz querer encontrá-lo e colocar seis balas entre seus olhos negros mortos e uma sétima no seu coração.

Mexo meus dedos para ter algum sentimento de volta neles e bruscamente tento agarrar o cabo da faca saindo da minha perna ensanguentada. Faço careta enquanto puxo a faca.

Não vai ter muito mais sangue, uma vez que eu faço isso.

Aperto os dentes, conto até três, e arranco a faca tão duro quanto posso. Ela vem com um silenciador de carne que revira o estômago e faz com que a dor latejante na minha coxa cerca de dez vezes pior do que era.

Bolhas de sangue vão para cima da minha perna enquanto pego a faca e manobro em meus dedos desajeitados, serrando a fina seda incrivelmente forte segurando minhas mãos reféns.

Eu vi o que parece uma vida antes da faca fazer uma sólida ruptura no tecido e os braços caírem para no meu colo livremente e anestesiados. Eu imediatamente faço uma bola do lençol na minha mão e pressiono na minha ferida de facada para estancar a hemorragia.

Claro, é a *exata* sorte que Jase escolhe esse *exato* momento para bater na porta.

—Vá embora, — falo minha respiração presa.

—Você está bem? — Jase grita de volta. —Ouvi gritos, e não parecia bons gritos. Ohhhhh.

Ele abre a porta quando ele está dizendo isso, espreita a cabeça ao virar da esquina, e quando seus olhos caem em mim, ou mais especificamente, no meu sangue sujando os lençóis, ele cai, me apressando.

—Que porra é essa? — Diz. Puxando os lençóis em volta do meu corpo nu, de repente envergonhado pela forma como devo parecer.

—É como o casamento vermelho aqui, — ele respira. —O que diabos aconteceu? Você está





bem?

—Estou bem, — digo friamente, jogando a faca em cima da cama ao meu lado. Não estou bem. Minha perna dói como um filho da puta. E não quero olhar para ele.

Ele apenas continua a olhar de boca aberta.

—Você pode passar o meu vestido? — Pergunto cansada, apontando para o material preto no chão a seus pés.

—Claro. — Ele pega o material entre dois dedos e cuidadosamente dá para mim. O sangue começa a escorrer por toda parte, mas não me importo. Eu só quero estar um pouco coberta.

Jase vira e puxo o vestido por cima da minha cabeça, deixando reunir em torno de meus quadris para que ele me cubra, mas não toco na minha ferida. Não que isso importe. Estou encharcada de sangue vermelho brilhante, que está se transformando em mais frio e pegajoso por minuto.

Jase se aproxima de mim com cautela, estudando meu rosto em branco.

—O que aconteceu? — Ele pergunta em voz baixa.

Engulo em seco. —Aparentemente, eu lembro seu pai alguém que ele conhecia. Alguém que ele decapitou.

Os olhos de Jase arregalam e ele faz esse tipo de coisa engasgada com sua garganta. Eu me amaldiçoo em silêncio, lembrando o quão perto ele e Mariana estiveram. Como ela era como uma mãe para ele depois de sua própria foi morta.

—Então, ele esfaqueou você e a deixou aqui? — Jase pergunta nada surpreso.

Concordo com a cabeça, rindo de forma inadequada. —Ele me amarrou em primeiro lugar.

Preocupação brilha em seus olhos escuros. —Você deveria tê-lo executado quando você teve a chance, — diz ele.

Eu não respondo. Não vou fugir. Agora não, que eu já provei lágrimas e tristeza de Dornan, não depois que vi como Chad tomou seu último suspiro. Não vou sair até que isso acabe.

Levanto o lençol da minha coxa para ver que o sangramento diminuiu. Jase olha fascinado e doente na minha perna mutilada.

—Vou pegar um kit de primeiros socorros, — diz. Ele olha em volta. —Vamos para o inferno fora deste quarto.

Olho para a minha perna, me perguntando se eu posso andar sobre ela, e decido testar. —Foda-se, — murmuro baixinho, minha perna dobra debaixo de mim, lágrimas mordendo os cantos dos meus olhos.





—Aqui, — diz Jase, e em um movimento rápido me pega em seus braços quando ele está prestes a me carregar sobre o limiar.

—Agora é como o casamento vermelho, — digo grogue, minha cabeça pendendo para frente e batendo em seu peito.

Jase apenas balança a cabeça, e posso ver o início de um pequeno sorriso nos cantos da boca. —Como se você já tivesse lido A Guerra dos Tronos, — diz, facilmente me levando através da porta aberta e me leva para o corredor deserto.

—Eu assisti o seriado, — digo, escondendo o rosto em seu peito. —Isso conta?

Ele entra em outra porta, talvez dez portas do quarto de Dornan e me coloca em uma cama.

—É este o seu quarto? — Pergunto, olhando ao redor. Caio para trás na cama, tonta, fraca e me sentindo como se eu estivesse bêbada. Meus olhos se fecharam por um momento e Jase me sacode com força.

—Ei, Samantha? — Seu tom é cem por cento sério agora.

Abro uma pálpebra, embora o esforço é quase impossível. —Estou cansada, —digo, fechando meus olhos novamente.

—Vou levá-la para o hospital, — diz ele, e ao ouvir isso, meus olhos se abrem e eu sento. —Não. Nada de hospitais. Apenas um kit de primeiros socorros.

Ele balança a cabeça. —Samantha, você está sangrando em todos os lugares! Um bandaid não vai funcionar.

Ele vai me pegar e coloco minha mão em seu antebraço. —Nada de hospitais, — digo com firmeza. —Apenas uma agulha e linha. — Penso sobre isso por um momento. —E uma garrafa de Jack.

—Não seria melhor esfregar álcool para desinfetar? — Ele pergunta em dúvida.

—É para eu *beber* —Digo com os dentes cerrados.

Ele desaparece e retorna alguns minutos depois com uma pequena caixa de plástico marcado com uma cruz branca sobre um quadrado vermelho, um fresco, garrafa fechada de Bourbon, uma garrafa de Coca-Cola e um pequeno kit de costura.

Olho quando ele empurra o meu vestido para cima da minha coxa, movendo na fronha encharcada de sangue que usei para estancar o sangramento. Ele abre o kit de primeiros socorros e tira um pacote de toalhinhas estéreis, rasgando com os dentes. Isso provavelmente não é estéril, mas não estou reclamando.

—Quem é Mariana? — Pergunto a minha cabeça cheia de algodão e minha perna uma dor



aguda e latejante não mais maçante.

—Ela era minha madrasta, suponho. Ela nunca se casou com meu pai, mas esteve com ele por um longo tempo.

—Jesus! — Xingo quando ele passa um algodão em minha perna com o álcool. Eu pego a garrafa de Bourbon que ele jogou na cama ao meu lado e abro a tampa, tomando um gole longo e profundo que arde simultaneamente minha garganta e acalma os nervos esfarrapados.

—Desculpe, — murmura Jase, terminando a limpeza. Ele está de volta e examina a minha ferida. —Isso realmente precisa de pontos. — Estimula suavemente. —Qual a profundidade que ele colocou lá dentro?

Quero rir, mas não consigo. —Até o punho, — digo, engolindo de volta bile e tomando mais Bourbon.

—Precisamos de um médico, — diz ele. Eu cerro os dentes e entrego o Bourbon, pegando o kit de costura da cama ao meu lado e abrindo. Eu vejo uma pequena agulha e um pouco de algodão e desajeitadamente tento enfiar o algodão através do olho.

—Aqui, deixe-me fazer isso, — diz ele. Ele toma a agulha e a linha de mim e pega um isqueiro do bolso de trás. Deito de costas na cama enquanto ele se ocupa com a agulha e linha.

—Você está pronta? — Ele pergunta.

Eu sento a sala está rodando. —Na verdade não.

—Na contagem de três, — diz ele, usando uma mão para empurrar minha pele rasgada junta e a outra para segurar a agulha. —Um, dois...

Em duas ele pressiona a agulha na minha carne. Dor ricocheteia pelo meu corpo inteiro, cada terminação nervosa ardente, dor lancinante.

—Houve um período de três? — Murmuro entre dentes cerrados.

Ele não respondeu, apenas xinga e mantém a agulha para cima. —O fio rasgou, — diz ele.

Reviro os olhos. —Linha de pesca, — cuspi. —Linha de pesca vai funcionar.

—Estarei de volta, — diz, deixando o quarto e fechando a porta. Ele não se foi por muito tempo, talvez cinco minutos, e quando ele volta, está ofegante.

—Você foi correr? — Pergunto sarcasticamente.

Ele segura um carretel novo de fio de pesca em uma mão e um pequeno saco de pó branco na outra.

Eu imediatamente olho para o saco, intrigada. —Um beijo? — perguntei.





Ele entrega o saco, assentindo. —É muito puro, — diz ele. —Você só vai precisar de um pequeno cheiro.

Tomo uma pitada do pó do saco e aninho na membrana entre o polegar e o indicador. Segurando-o até o meu nariz, fecho uma narina e respiro com força.

Quase imediatamente, uma sensação de bem-aventurada calma se instala sobre os meus ombros, assim quando engulo o gosto amargo da heroína que reveste o fundo da minha garganta.

—Você está bem? — Jase pergunta. Concordo com a cabeça.

—Sim. Vá em frente.

Ele escava a agulha na minha carne, e apesar da dor ainda seja evidente, agora é muito mais suportável.

—Eu não sei como atar isso, — diz ele. Aceno minha mão com desdém. —Não importa.

—Vai ter uma cicatriz, — continua ele.

*O que é outra cicatriz?*

—Não importa.

Ele ri. —Nada importa muito quando você está no alto.

—Eu não estou no alto, — digo, olhando para as formas estranhas que o ventilador de teto está criando nas paredes.

—Tudo bem, — diz ele, de pé para admirar sua obra. Levanto meu pescoço, tentando obter um vislumbre do meu ferimento de guerra, sem sentar.

—Você se sente bem? — ele pergunta.

Dou de ombros preguiçosamente, flutuando sobre uma nuvem de marshmallows macios. —Assim como posso quando acabei de ser esfaqueada. — Um pensamento entra na minha cabeça confusa e franzo a testa.

—Como é que você sabe como costurar as feridas, afinal?

Seu rosto aparece diretamente acima do meu, uma pitada de diversão em sua boca levemente arrebitada.

—Vou te dizer outra hora, — diz ele. —Vamos. Vamos sair daqui. Vou levá-la para minha casa.

Sento-me e olho ao redor do quarto anódino. — Sua casa não é aqui?

—Samantha, — diz, a sugestão de um sorriso aparecendo sua boca. —Você realmente acha que eu vivo no clube de motoqueiros?





## Capítulo 10

Estamos rugindo pela estrada quando me ocorre que eu dirigi nessa rota antes.

—Para onde vamos? — Perguntei. Estava quente, o ar soprando para dentro do carro sufocante. Jase e eu sentados no banco de trás, Mariana e meu pai na frente.

—Você vai ver, — disse Mariana, seu sotaque colombiano preso e ansioso.

Olhei para Jase, que estava olhando entre Mariana e meu pai antes de pousar o seu olhar em mim, uma expressão preocupada no rosto. Coloquei minha mão sobre o assento de couro quente entre nós e segurei minha palma para cima, balançando os dedos. Jase sorriu seus olhos escuros enrugando os cantos, pegando a minha mão e apertando.

Meu pai parou o carro quando chegamos à casa de Mariana, estacionou na parte de trás, escondido. Meu estômago se agitou quando ele fez isso. Eu cresci nessa vida e sabia que quando meu pai começava a esconder e agir secretamente, as coisas estavam prestes a ficar ruim, muito rápido.

Dentro do apartamento de Mariana, aquele em que Jase viveu, nos sentamos no sofá, Mariana e meu pai sentaram na nossa frente.

—Papai, — disse densamente. —O que está acontecendo?

Ele suspirou seus olhos comprimidos e velhos, quando olhou diretamente para a minha mão e a de Jase apertando protetoramente juntos entre nós.

Mariana não suspirou, no entanto. Ela sorriu, seu belo rosto se iluminou com as coisas logo proibidas para a dona do vice-presidente dos Gypsy Brothers. Pois, embora o nome sugerisse vagabundos e viajantes, o mesmo não poderia ser dito de suas famílias, seus filhos, seus amantes. Essas pessoas estavam efetivamente presas em uma teia de mentiras e derramamento de sangue, proibidos de pisar longe dos olhos vigilantes do clube.

—Estamos indo embora, — disse, a esperança dançando em seus olhos. Essa esperança que Mariana carregava em torno de como ela era, uma coisa devastadora tão perigosa para se agarrar.

Balancei a cabeça, olhando para Jase, que parecia que estava prestes a virar para fora.

—Você está vindo com a gente, filha, — disse Mariana carinhosamente, atingindo a mão para escovar seu rosto. —Você não precisa ter medo. Eu sempre vou cuidar de você como se você fosse minha.





*Continuei a olhar para meu pai, um pensamento me incomodando, uma fraqueza em seu plano.*

*—Será que a mamãe vem? — Perguntei, finalmente, percebendo a maneira que Mariana e meu pai sentaram assim em conjunto, os joelhos tocando a cada momento e, em seguida, com a mão acariciando seu braço, o jeito que ela olhou para ele e a maneira como ele olhou para ela.*

*Minha garganta apertou quando vi que eles tentaram esconder por um tempo muito longo.*

*—Não, — meu pai disse pesadamente, e eu praticamente podia provar a culpa em suas palavras.*

*Eu não deixei cair o seu olhar, algo poderoso que passa entre nós. Eu precisava que ele soubesse que eu entendia. Por que ele iria deixar a esposa, a mãe de sua filha, aos lobos.*

*Porque ela era um deles.*

*—Bom, — eu disse com firmeza. —Ela só atrasaria.*

*Com isso, meu pai baixou a cabeça, com o alívio ou tristeza, nunca vou saber.*

*—Você é uma boa menina, Juliette, — ele me disse, suas palavras me batendo duro no peito.*

*Algumas semanas mais tarde, estávamos todos ou mortos, ou o que desejam para nós.*

Chegamos à casa de Jase. Ele nunca mudou, mesmo depois de Mariana fosse morta aqui. Estou chocada, pensando em todas as vezes que minha mão coçou para arrebatá-lo e ligar para ele, para dizer que eu estava segura, para dizer que eu era amada por alguém, mesmo que esse alguém não pudesse ser ele. Pergunto-me o que o obrigou a ficar aqui, e percebi que, desde que sua própria mãe morreu, é provavelmente o único lugar que pareceu como uma casa para ele.

Ele me ajuda entrar e me senta no mesmo sofá de minhas memórias, o beijo e minha tristeza me ameaçando rasgar e expor todos os meus segredos. Como Jase me coloca na sua cama e enfia as cobertas mais em mim, engulo as lágrimas, e os restos de pó de heroína raspando como cacos em minha garganta.

—Durma, — diz ele, suave e firme ao mesmo tempo. Abro a boca para protestar, mas ele já saiu da sala.

Horas depois acordei com um sobressalto. *Onde diabos eu estou?* Posso sentir o cheiro de café e bacon, e meu estômago reclama, pois me faz lembrar que não foi alimentado em um tempo muito longo.

Minha boca tem gosto horrível, amarga e sem graça, e desejo café como um viciado precisando de uma fileira. Jogo as cobertas e levanto cautelosamente na minha perna, testando-a com o meu peso





para ver se irá aguentar. Dói, mas menos do que antes, e posso mancar para a cozinha, segurando nas paredes e colocando mais do meu peso na minha perna ileisa.

Jase está ocupado, quebrando os ovos em uma panela e lançando pedaços de bacon crepitante. Meu estômago aperta novamente. Estou morrendo de fome de forma positiva. Caio em um tamborete no bar, arrastando a perna para a posição menos dolorosa. Vejo dois copos de café na minha frente, pego o mais próximo e arrasto para mim. É quente e amargo, uma forte mistura colombiana como Mariana usava para fazer, e tenho que saber o que mais Jase continua a fazer exatamente como ela.

Pergunto-me se ele acha que eu pareço com ela, também? Se Jase está tentando me colocar aqui desde que pôs os olhos em mim, ou se me descobriu quando mais alto, e mais pálida duplamente o tempo todo?

—Como está a perna? — Jase pergunta enquanto passa manteiga nas torradas em dois pratos.

Concordo com a cabeça. —Tudo bem. Obrigada.

Ele ri, e espero por uma explicação.

—Você não vai me agradecer quando você ver o trabalho de açougueiro que fiz para costurá-la, — diz ele, deslizando um ovo frito em cada pedaço de torrada.

Dou de ombros, tomando meu café. —Isso não importa.

Ele me examina atentamente enquanto adiciona pedaços de bacon nos pratos, entregando um para mim. —Pode fazer que seja difícil conseguir um emprego na sua linha de trabalho, — diz ele, apontando para casual, mas com uma pergunta definitiva por trás de suas palavras. —Depois que você sair, quero dizer.

Quase engasgo com o pedaço de bacon que roubei do meu prato, com a boca cheia de gordura deliciosa da carne salgada.

—Vamos comer na varanda, — diz ele, pegando o meu prato de volta e caminhamos até o banco de janelas de vidro com vista para baía de Santa Monica.

Ele chuta uma porta de correr com o pé e saímos para o terraço grande o suficiente para sentar em uma mesa redonda, duas cadeiras, e um par de vasos de plantas.

Pego os dois cafés e vou sentar a dor atirando para cima da minha perna. Jase corre de volta para mim e leva os cafés, colocando-os em cima da mesa com a comida e fechando de volta para me ajudar a mancar para a mesa. Com a sua ajuda, sento e respiro o ar fresco do mar que flutua abaixo de nós.

Jase come rapidamente, quase jogando seu prato antes de eu mesma pegar meu garfo, e depois





bebe o café, olhando cuidadosamente para o horizonte e as águas azul-turquesa por baixo.

—Você gosta da vista, — digo, as palavras saíram da minha boca antes que eu possa editá-las ou parar. —O telhado, esta varanda, parece que você está sempre à procura de algo mais.

Um sorriso aparece nos cantos de sua boca larga e sensual, e ele rasga o seu olhar longe da água para olhar para mim. —Gosto de olhar para as coisas belas, — diz ele, com o olhar demorando até que cora e desvio o olhar. —Isso me ajuda a esquecer da feiura da minha vida.

—A sua vida é realmente tão feia? — Pergunto, e mais do que tudo no mundo, eu quero que ele diga não. Quero que ele diga que está feliz. Mas posso ver em seu rosto e ouvir em suas palavras que ele não é.

Ele opta por não responder, em vez apontando para o apartamento atrás de nós. —Este lugar pertenceu à última obsessão de Dornan, — diz, seus olhos escuros e conturbados.

Eu não digo nada, apenas olho para ele, esperando que ele explique.

Ele coloca sua xícara de café para baixo e coça a miniaturas em toda a borda distraidamente.

—Ela está morta agora, — ele termina, a sua voz cheia de determinação.

—O que aconteceu? — Peço, com medo de ouvir a sua versão.

—Ela foi fiel a ele, e ao clube, por dez anos. E, então, ela tentou sair, —a voz de Jase quebra, — e ele a matou.

Engulo o enorme nó na garganta, não me permitindo imaginar a vida que poderia ter sido se tivessem conseguido. Se tivéssemos saído. *Teria sido glorioso.*

—Ela era da Colômbia, — diz Jase. —Ela esteve aqui durante anos no momento em que cheguei aqui, mas ela ainda tinha um sotaque muito forte. No começo eu mal conseguia entender o que ela estava dizendo. —Ri, sem um som, mas seu conto não é feliz. Por um momento, me pergunto se ela estava viva quando Dornan cortou a cabeça. Eu ia colocar todo o meu dinheiro em *sim*.

De repente, ocorreu, quando estou olhando para o movimento de seus lábios, que não falamos sobre o que aconteceu ontem à noite no velório. Aquele beijo, tão breve, mas cheio de tanto sentimento, o meu coração saltando uma batida só de lembrar isso. Quero pressioná-lo sobre isso, mas estou com medo que ele vai correr de novo, assim que eu deixo.

—Seu pai sabe que estou aqui?

A expressão de Jase fica com raiva, seus dentes cerrados e mandíbula definiram teimosamente. —Não sei. Não falei com ele.

Concordo com a cabeça. —Eu deveria ligar. Ele vai ficar com raiva se ele voltar e eu não





estiver lá.

Jase apenas olha para mim, incrédulo, as sobrancelhas levantadas tão alto como consegue.

—Era para eu limpar todo o sangue, — acrescento a explicação.

Sua boca aberta cai quando ele me ouve falar. —Você está brincando comigo? — Pergunta ele, suas mãos se tornando punhos novamente. *Foda-se.*

—Por favor, não seja assim, — digo. —Você não entende. — Você não entende, você não entende. Foda-se, eu ainda te amo, depois de todos estes anos e *you só não entende.*

Ele passa a mão pelo cabelo curto, um olhar de desespero no rosto.

—Entendo perfeitamente, — diz ele em um tom medido. —Entendo que você está fora de sua mente maldita.

Engulo em seco. Quero responder, mas o meu cérebro de repente se sente como sopa. Minha perna é positivamente *sussurrante*, e embora eu esteja acostumada à dor, a sensação de que espalha rapidamente sobre o meu corpo é algo completamente diferente. Meus nervos estão disparados, assobiando e gritando cada vez que eu respiro irregular. Posso sentir o suor na minha testa e estou me sentindo meio tonta.

Abro a boca para dizer algo, mas estou confusa e as palavras não saem. Fecho novamente. Estou com sede. Estendo a mão para pegar o copo de água que milagrosamente se materializou na minha frente. É ao meu alcance por dois segundos antes de deslizar para fora dos meus dedos e quebrar no chão, água e cacos de vidro se movimentando ao redor dos meus pés. Acabei de olhar. Não tenho certeza o que eu deveria fazer. Tudo parece escuro e grosso, como se eu estivesse tentando caminhar ao longo do fundo de um rio lamacento.

Jase está falando comigo, mas não posso ouvi-lo acima do zumbido com raiva nos meus ouvidos. Preciso fechar meus olhos, apenas por um momento, e então vou ficar bem.

*Então, tudo vai ficar bem.*

## *Capítulo 11*

Desta vez, quando acordo, estou na cama de Jase de novo, mas tudo é diferente. Olho para baixo para ver que meu vestido preto se foi e estou vestindo uma camiseta preta grande e uma cueca.





Minhas bochechas queimam quando percebo que alguém teve que me despir para me costurar.

Vejo o movimento à minha esquerda e viro para ver Jase, sentado em uma cadeira que ele colocou no quarto, me observando atentamente. É, então, percebo que tenho um IV aninhado na dobra do meu braço, um tubo de plástico transparente que carrega o sangue de um saco na minha veia.

Sento-me e mexo com a cânula empalada confortavelmente na minha carne, um pedaço de fita prendendo.

—Hei, — diz Jase, tirando meus dedos fora da cânula. —É uma transfusão de sangue. O médico acabou de sair.

Paro de mexer por um momento. —Um médico? — Repito. —Quanto tempo estive fora?

Jase encolhe os ombros. —É quase sete horas.

Acho que volta para a manhã. —Mas acordei as sete, — protesto confusa e sentindo-me patética e vulnerável.

—À noite, — esclarece.

—Dormi o dia inteiro? — Pergunto, jogando os lençóis de cima de mim.

—Sim, — diz, lentamente, como se eu parecesse estúpida.

—Por que me sinto como se tivesse injetado um monte de heroína? — Pergunto, cansada demais para sair da cama. Em vez disso, caio de volta contra os travesseiros macios.

—O médico deu um pouco de morfina, — disse ele.

—O quê? — Estou lutando para me lembrar da dor. Era ruim, mas não era *o que era* ruim. Partes da minha tatuagem doeram mais do que a facada na minha coxa. —Por quê?

Jase levanta as sobrancelhas e posso vê-lo lutando contra um sorriso. —Eu disse a ele como você estava tentando ser um herói esta manhã. Como você não pode parar, nem por um minuto. Então ele deu alguma coisa para deixá-la descansar um pouco.

Agora sou a única que está com raiva. —Você deixou alguém me drogar? — Pergunto incrédula. —*Me acalmar?* O que eu sou, um cão?

—É assim que ele trata você, — Jase murmura baixinho.

Sento-me novamente e balanço as pernas para fora da cama. Olho para o saco quase vazio do saco de sangue no topo da cabeceira de mogno por cima de mim, a gravidade garantindo um fluxo constante do material em minhas veias. Tento fazer minha mão puxar o IV para fora e a mão de Jase bate a minha fora, cobrindo a cânula.

—Pare, — diz ele. —Apenas deixe o resto entrar, você perdeu muito sangue.





Levanto minha mão com relutância.

—O que há de errado? — Ele pergunta. —Eu só estou tentando ajudar. Você disse nada de hospitais, então chamei o médico do meu pai para olhar você.

Endureço, sem saber se o médico me despiu. Olho para a cueca e a camiseta, em pânico. A tatuagem está bem, Elliot fez um trabalho incrível, mas se a luz está certa... se alguém olhar duro o suficiente... as cicatrizes ainda permanecem.

—Havia sangue e vidro em cima de você, — diz Jase. —Eu não olhei, juro.

Relaxo um pouco, não detecto a animosidade ou desconfiança em sua voz. Então ouço uma batida na porta e salto para os meus pés, o quarto girando em torno de mim imediatamente. Pego a cabeceira para me equilibrar, olhando para o que estou vestindo. Se Dornan me vê na cueca de seu filho...

—É ele? — Pergunto preocupada.

Jase suspira. —Sammi, pelo amor de Deus, deite-se, ok? É só o cara da pizza trazendo o jantar. Dornan estará de volta em algumas horas. —Ele aponta para a cama e espera para me deitar de novo, antes de sair do quarto. Arrumo as cobertas sobre meu colo enquanto espero, brincando com um único fio solto de algodão. *Um dia inteiro com Jase, e nenhum Dornan.* O pensamento me faz sentir ansiosa e satisfeita, e esgotada todos de uma vez.

Ele volta em poucos momentos depois, equilibrando caixas de pizza em uma mão e um punhado de notas de dólar com a outra. Ele empurra o dinheiro no bolso da calça de brim e traz as pizzas para a cama, arrumando as caixas do lado vazio ao lado de onde eu estava. O cheiro de molho de tomate e alho invadem minhas narinas e posso senti-lo em minha boca.

—Pepperoni ou queijo? — Ele pergunta.

—Pepperoni, por favor, — respondo, e ele me entrega um guardanapo com uma grande fatia da melhor pizza que já coloquei os olhos. Dou uma mordida enorme e luto para mastigá-la, a minha boca está tão cheia. Tem um sabor *divino*.

Jase come lentamente, ele está claramente sem comida desde o café. Nós não falamos até que eu coma quatro fatias e estou pensando em uma quinta. Jase terminou e está sentado pacientemente na cadeira ao meu lado. Posso senti-lo me observando, esperando para abordar algo comigo.

—O quê? — Pergunto a ele.

—O quê, o quê? — responde, com um olhar de divertimento no rosto. Sorrio, me sentindo muito melhor depois de comer.





—Parece que você tem uma questão pendente comigo, — falo, olhando em volta querendo um pouco de água.

—Tenho um monte de questões pendente com você, — diz Jase, curvando para baixo em sua cadeira, com os pés descansando sobre a borda da estrutura da cama. —Eu só não acho que você vai gostar de nenhuma delas.

Estou me sentindo falante, apesar dos meus segredos. —Vá em frente. Pergunte-me qualquer coisa.

Pergunte-me se o meu nome é Juliette e eu poderia dizer que sim. Pergunte-me se quero beijá-lo de novo e vou fazer. Pergunte-me se quero fugir com você *e eu só poderia*.

—Onde está sua família? — Pergunta, sentando-se na cadeira.

Previsível. —Mortos, — respondo. Tecnicamente, não é uma mentira. Papai está morto. Mamãe poderia muito bem estar.

—Como?

A resposta mais fácil. —Acidente de carro.

Ele balança a cabeça. —Sinto muito.

Dou de ombros. —Por quê? Você não os matou.

Ele revira os olhos. —Eu queria dizer que sinto muito por sua perda. Minha mãe foi morta também.

—Foi morta, — repito, apesar de já saber o que aconteceu. —Como, de propósito?

Seus olhos embaçam e por um momento ele está em outro lugar. Em seguida, Jase pisca, e a nuvem levanta. Ele balança a cabeça. —De propósito.

Olho para ele com cautela. —Você não tem que falar sobre isso, se você não quiser, — digo.

Ele encolhe os ombros. —Tenho certeza que meu pai vai dizer, eventualmente. Quando ela descobriu que estava grávida de mim, ela deixou o clube e voltou para a sua família no Colorado. De alguma forma, Dornan descobriu sobre mim quando eu tinha quinze anos. Eu vinha para casa da escola um dia e ela estava morta na banheira. —Ele parece separado de sua história quando está me dizendo, e só posso assumir que é porque ele é insensível depois de todo o horror dos últimos anos. Não posso deixar de lembrar o menino tímido, com raiva que apareceu com o título de há muito perdido de sétimo filho de Dornan quando eu tinha treze anos e roubou meu coração.

Estudo seu rosto, mordendo meu lábio quando ele me examina cansado.

—O que aconteceu ontem à noite? — repete a mesma pergunta que ele me perguntou quando





me encontrou ontem à noite, sangrando e nua.

Penso que por um momento antes de responder. —Seu pai me disse que achava que eu seria uma boa mãe para outro filho. Ou filha, — quase engasgo com as palavras, elas são tão amargas. —Tentei dizer o contrário e ele ficou bravo. Além disso, ele de repente percebeu que eu lembro sua namorada morta.

Jase empalideceu. Ele não disse nada por um tempo.

—Você parece muito com ela, — diz ele finalmente. —É quase assustador. Os olhos são diferentes, mas o seu cabelo, seu rosto, —seus olhos deslizam para baixo para o meu peito e rapidamente de volta para os meus olhos. —É estranho.

—O que aconteceu com ela? — Pergunto baixinho. Sei que ela morreu, e sei o que disse sobre Dornan decapitar, mas eu realmente não sei o que aconteceu. Por que ela e meu pai não foram capazes de fazer a sua fuga com a gente.

Por que tudo deu horrivelmente errado.

—Ela tentou deixá-lo, — diz ele. —Acho que ele teria que deixá-la ir, se ela simplesmente desaparecesse, mas...

—Mas o quê? — Prossigo.

—Mas ela tentou me levar com ela, — diz finalmente. —É minha culpa que ela morreu. A culpa é minha que todas elas morreram. —Ele parece derrotado quando termina a frase, os olhos cansados e virando para baixo nos cantos, os dentes mordendo uns sobre os outros quando ele flexiona sua mandíbula.

—Tenho certeza de que não foi — digo. —Parece apenas, que você foi o único deixado para trás para lidar com tudo isso.

Ele encolhe os ombros. —Todo mundo que eu amo, morre. Então, vivo sozinho, e guardo para mim, principalmente.

Um caminho cansado de estar. —Isso é tão triste, — digo baixinho. —E seu pai? Seus irmãos? Eles são família, também.

Se olhares pudessem matar, eu estaria cortada em pequenos pedaços agora sob o olhar mordaz de Jase. —Você quer dizer, meu pai, que esfaqueou você porque se parece com uma mulher morta? Ou meus irmãos, que são os animais?

—Desculpe, —digo.

—Você não sabe nada sobre esta família, — diz ele com paixão, sacudindo a cabeça. —Você





deveria ter apenas ficado bem longe de todos nós.

—Bem, é tarde demais agora, — digo, encolhendo os ombros. —Posso muito bem aproveitar.

Jase apenas balança a cabeça, meu trocadilho claramente perdido nele. Eu me importo muito, quero me escancarar e dizer cada pequeno segredo sujo minha alma está mantendo preso atrás de uma parede de fogo de mentiras e enganoso.

Mas não posso. Não porque não confio nele, porque é claro para mim agora que ele é um prisioneiro relutante nesta família, ainda mais do que eu sou.

Não posso dizer por que não posso suportar que ele saiba o que eu fiz. Não posso suportar ver o desgosto em seu rosto quando ele souber que a garota transando com seu pai e apanhando seus irmãos um a um é a mesma menina que senta na frente dele.

Mas mais do que essas razões, não posso suportar a dizer a ele, porque sei o que ele vai fazer. Ele vai querer fugir. Ele é um amante, não um lutador, e ele não tem isso dentro dele para matar a todos. Ele poderia odiá-los, mas ele não é um assassino.

Eu nunca tive mais certeza na minha vida.

E depois, claro, há aquela pequena semente de dúvida que se esconde no canto mais escuro da minha mente. A possibilidade de que ele não vai entender.

A possibilidade de que, uma vez que ele descubra como eu enganei e matei seu irmão, ele vai ficar do lado de Dornan.

Nada é mais assustador do que esse pensamento.

—Posso fazer uma pergunta agora? — Pergunto meu coração batendo mais rápido com o pensamento.

Jase encolhe os ombros. —Claro. Não significa que vou responder, no entanto.

Respiro fundo, o meu coração zumbindo nervosamente nos meus ouvidos. Eu posso transar com o cérebro de Dornan e não sentir nada, mas sempre que estou perto de Jase, é como fogos de artifício a cada momento.

—Por que você me beijou? — Pergunto corajosamente.

Jase ri sem alegria, inclinando a cabeça para um lado enquanto ele considera minha pergunta.

—Por que a maioria das pessoas beijam outras pessoas? — pergunta.

Balancei minha cabeça, um pequeno sorriso nos lábios. —Isso não é justo, — digo, me contorcendo para a beira da cama, de modo que estou de frente para ele diretamente, nossos pés quase se tocando. —Você não pode responder a uma pergunta com uma pergunta.





Ele dá de ombros, um sorriso dançando divertido em seus lábios lindos. Eu não posso ajudá-lo. Chego a minha mão e coloco no queixo, roçando o polegar contra seu lábio inferior. Ele olha para mim, sua expressão ilegível, e não posso ajudar, mas sinto que estamos caindo em um abismo que nenhum de nós irá conseguir sair. Nada intacto, de qualquer maneira. Poderia ter um novo rosto, mas ainda tenho o mesmo coração. Ele poderia ter me perdido uma vez, mas eu ainda sou sua, e ele ainda é meu.

Inclino-me mais perto, nossos narizes quase se tocando. Ele espelha minha ação, colocando a mão na minha bochecha.

Ele balança a cabeça minuciosamente. —O que você está fazendo comigo? — Ele respira seus olhos nunca deixando os meus.

*Estou amando você, acho. Mas não posso dizer assim eu mostro a ele em seu lugar. Fecho a pequena distância entre nós, pressionando meus lábios contra os dele. Ele geme baixinho, uma espécie de ruído primal que começa na parte de trás de sua garganta e faz tremer a minha língua, uma vez que encontra a sua. Sua outra mão vai para a minha cintura, para o lugar onde estou cicatrizando por baixo, e estremeço involuntariamente. Ele move a mão do meu rosto para a parte de trás do meu pescoço, me puxando para mais perto, beijando-me mais profundo. Sinto que estou caindo para sempre, mas é uma boa queda. É uma sensação incrível.*

Parece que nasci para amar esse homem.

E, no entanto, quando eu o beijo, quando eu o amo, meu coração cai. Congelo.

Eu não deveria estar fazendo isso.

Por causa dele, não posso fazer isso. Se eu deixar ele me beijar *assim* isso vai rasgar nós dois e já estamos ambos quebrados o suficiente por dentro.

Jase me sente congelar e ir para trás, ofegando ligeiramente, franzindo a testa. —O que há de errado? — pergunta baixinho.

Engulo grosso, com raiva e triste que o nosso momento fugaz se foi.

*O que há de errado? A batalha dentro de mim está sendo travada como uma guerra amarga, fazendo minha cabeça girar com possibilidades. Apenas comecei e só quero acabar. Uma imagem de Dornan e seus filhos restantes em chamas, uma morte ardente dolorosa com Jase e eu assistindo pisca brevemente pela minha mente.*

Se fosse assim tão fácil.

—Tudo, — digo, explodindo em lágrimas. Estou tão, tão cansada meu corpo ainda está em algum tipo de choque e apenas para me fazer sentir uma cadela ainda pior, acho que é quase a época do





mês. Sou uma gangorra de emoções.

A expressão de Jase passa de confuso para preocupado, e ele se move da cadeira para sentar ao meu lado na cama em um movimento rápido, nunca quebrando o nosso olhar.

Ele abre a boca como se fosse dizer algo, então pensa melhor. Estou tão cansada de mentir, tão cansada de ser forte.

Minha determinação vacila quando ele guia a minha cabeça em seu peito. Coloco lá por vontade própria, agarrada a ele, porque se eu deixar ir, estou com medo do que poderia acontecer a seguir.

## Capítulo 12

O celular de Jase toca, quebrando o silêncio. Relutantemente, ele vai longe de mim e vai para a outra sala para atender.

Quando retorna, alguns momentos depois, ele não está satisfeito.

—Dornan está a caminho por você, — diz ele, suas palavras desprovidas de paixão.

Será que realmente nos beijamos? Mais uma vez? Não posso acreditar. Não posso.

Olho para o chão, engolindo bruscamente.

*Nada da porra de chorar, você pode fazer isso.*

Você tem que fazer isso pela sua família. Por si mesma.

Jase percebe o olhar na minha cara e mantém as mãos em questão. —Não sei o que você quer que eu faça, — diz ele, a frustração estampada em seu belo rosto.

—Eu sou uma idiota, — digo, sinceramente, que os meus olhos se enchem de lágrimas. O rosto de Jase cai e ele parece que está prestes a chegar e tocar, mas ao invés disso ele se vira e anda para fora da sala.

Depois de alguns minutos, me recomponho e o encontro na varanda. Ele está segurando-se ao corrimão, com os punhos fechados, os nós dos dedos ficando brancos. Ele deve ter me ouvido, porque ele fala sem se virar.

—Você tem que sair. Da próxima vez que irritá-lo, ele vai te matar. Simples como isso. Você não pode ficar aqui, Samantha.

Engulo, inclinando a cabeça para trás, olhando para o céu, como se visse rosa e roxo, o sol





baixo no horizonte.

—Eu poderia ajudar, — Jase diz de repente. —Poderia ajudá-la a sair.

Balancei minha cabeça. —Eu não posso sair. Não vou embora.

Jase persegue-me, agarrando meus ombros. —Ele vai matá-la, você entende? Cristo é como se a história se repetisse. —Seus ombros caem quando ele me deixa ir, derrotado.

—Ele não vai me matar, — digo, tirando lágrimas do meu rosto. —Ainda não.

O rosto de Jase se transforma duro e fechado de novo, e só posso imaginar os anos que ele passou fechado, se lamentando sobre como seus irmãos, sendo fodido em torno de Dornan. Eu me pergunto quantos túmulos teve que cavar para seu pai, quantas cadelas drogadas que ele teve de pagar, ou o que seja, para se certificar de que eles não fossem para a polícia e acabasse morto. E sei que ele não pode ajudar a si mesmo. Jase vai continuar salvando as garotas estúpidas que vêm para o clube dos *Gypsy Brothers* procurando proteção e terminando com uma arma apontada para sua cabeça ou uma faca em sua coxa.

Mas ele não vai querer me salvar, não depois de eu terminar. Não depois de eu ter destruído toda a sua família.

Ele não pode ficar junto com seus irmãos, mas eles são tudo que ele tem. E quando eu terminar, ele não terá nada.

Meu coração salta uma batida, apenas uma, quando me permito pensar por um momento no vai acontecer, aqui e agora, se eu apenas dissesse a Jase a verdade. Sobre quem eu realmente sou e o que eu realmente estou fazendo aqui. Ele ficaria louco, com certeza, mas depois disso? Será que ele se importaria? E se nós correremos? Se deixarmos este lugar e levássemos meu dinheiro e apenas corrêssemos, eu seria capaz de dormir de novo, sabendo que ele estava comigo?

—Ele vai, — diz Jase com convicção. —Apenas quando você menos esperar, ele vai estar lá. E vai ser o fim para você.

—Você não entende, — digo a ele. É quase como se eu estivesse implorando para entender, mesmo que eu não vá dizer *o que*.

Ele balança a cabeça. —Se você mudar de ideia, me deixe saber. Ele está aqui.

Ele aponta para baixo no estacionamento em frente ao edifício, onde Dornan está parando em sua Harley, o pôr do sol lançando um brilho opaco no metal preto polido e cromo.

Ficamos ali, imóveis, observando de longe quando Dornan estaciona sua moto e desaparece na escada abaixo de nós.





Começo a chorar novamente. Jase permanece duro enfrentando. —Controle-se, — ele sussurra.

—É a porra da morfina que você me deu, — Assobio para trás, limpando meu rosto e correndo para dentro, em direção ao banheiro, onde posso lavar meu rosto e me recompor.

Então, é claro, quase grito quando colido cegamente com um peito duro coberto de couro.

É ele.

Olho para cima, lágrimas ainda frescas em meus olhos, para ver os olhos negros de Dornan olhando para mim, penetrando diretamente através de mim. Congelo quando ele olha desconfiado para mim, para Jase, depois de volta para mim.

—Que porra é essa que eu acabei de ver? — Ele pergunta.

Eu me atiro no peito e fico na ponta dos pés, planto beijinhos na bochecha. —Achei que você não ia voltar para mim, — digo sem fôlego. —Eu senti tanto sua falta.

Jase fecha a porta da varanda com um baque pesado. —Ela não parou de se lamentar sobre o quanto ela perdeu você o dia inteiro, — ele rosna para o pai. —Da próxima vez, vou amordaçá-la.

Dornan irrompe em gargalhadas que reverberam no meu peito e fazem minhas entranhas encherem de pavor. Ele inclina a cabeça para cima e me beija, o mais longo beijo apaixonado que já experimentei dele. Ele ainda nem sequer levemente compara-se a intensidade do beijo fugaz que Jase e eu compartilhamos.

Não é nem mesmo na mesma porra *universo*.

Dornan se afasta e recupero o fôlego, evitando o olhar de Jase. —Tenho que tomar banho, — diz ele. —Já estive na moto por muito tempo. Você, — ele esfaqueia um dedo no meu peito, — melhor me encontrar lá em cinco minutos.

Ele planta um último beijo na minha boca antes de se virar e caminhar até o banheiro. Um momento depois, ouço o chuveiro ligado.

—Você é uma excelente atriz, — diz Jase atrás de mim, cada palavra medida e deliberada. Dirijo-me, enxugando a palma da minha mão contra a boca limpando o beijo de Dornan longe. Os olhos de Jase são frios, com os braços cruzados sobre seu peito enquanto ele me estuda, o olhar de desgosto em seu rosto impossível de perder. Estou profundamente perturbada que ele já está vendo através da fachada que Dornan ignora, mas, ao mesmo tempo, estou secretamente aliviada. Porque se ele sabe que é uma mentira, talvez ele ainda vá querer a mim, como uma louca e fodida como isso parecem.

—Você não é nada mal, — digo baixinho, deixando minha mão cair para o meu lado.





Ele apenas sacode a cabeça, as mãos enroladas em punhos de raiva, e sai da sala.

Ouçõ um barulho de chaves, a porta batendo da frente em voz alta, e meu coração afunda quando percebo que Jase desapareceu.

Perco os cinco minutos mais longos possíveis antes de escorregar para fora da minha camiseta e mancar lentamente até o banheiro para me juntar a Dornan sob o chuveiro. Ele sorri quando me vê seu olhar indo para a ferida crua costurada na minha coxa. —Sinto muito, menina, — diz, ajoelhando-se sobre o chão, inspecionando a nova linha de pontos que seu médico profissionalmente colocou em minha perna. Ele passa os dedos ao longo dela oh tão gentilmente, antes de apertar o controle sobre a parte de trás dos meus joelhos, obrigando-me a espalhar minhas pernas mais amplas para que eu não caia. Ele planta um beijo suave na minha protuberância sensível, a respiração contra a minha pele me fazendo sofrer.

Ele se levanta, tendo o tempo para chupar meu mamilo endurecido antes de estar em linha reta novamente. Tremo, agarrando seus bíceps duros quando ele se mói contra mim.

—Fique de joelhos, menina.

A sensação de pânico sobe na minha barriga. —Não posso, — sussurro. —Minha perna...

Frustração de flash aparece em suas feições brevemente, seus olhos negros queimando nos meus. Seus olhos filmam até a minha facada ferida antes de voltar no meu rosto.

—A dor é boa, — diz ele, com as mãos apertando o meu pescoço apertado antes de me lançar novamente. *Um aviso.* —Lembra-se? Dor significa que eu posso fazer *com* você.

Concordo com a cabeça relutantemente.

—Diga isso.

—Você me possui.

—Por quê?

*Lembre-se de Chad. Lembre-se de quem você é. Sorrio.*

—Porque sou sua.

—Você está malditamente certa, você é minha. Agora fique de joelhos, porra.

Ele tem o meu peso quando me ajoelho lentamente e com dificuldade, minha perna gritando de dor que se irradia para as minhas extremidades e me faz querer vomitar.

Sinto alguns pontos abrirem e olho para baixo para ver rastros finos de sangue livre deslizando para baixo da minha perna, diluídos pela água morna. A cena me revitaliza. Hoje, vou dar o meu sangue para ele, e um dia, em breve, ele vai dar o seu sangue para mim.





Agora, — diz satisfeito, apertando a ponta do seu pênis duro contra os meus lábios. —Mostre-me o quanto você sentiu minha falta.

Jase tinha razão. Sou uma excelente atriz.

Eu abro a minha boca, e minto.

## Capítulo 13

Depois do nosso chuveiro, Dornan me leva de volta ao clube na parte de trás de sua moto.

Andar com Dornan só parece *errado*. Não me sinto livre ao vento, me sinto presa, como uma borboleta envolta em vidro. Minhas asas vibram debilmente, apenas para manter e bater em minha fortaleza invisível.

Só que desta fortaleza da mina é de minha própria autoria.

Eu não deveria reclamar. Mas sou impaciente. Passou quase um mês e até agora matei Chad, beijei Jase duas vezes e transei com Dornan vezes o suficiente para fazer a minha cabeça um turbilhão. Pergunto-me o que o meu pai iria pensar de mim agora, e então esmago esse pensamento, porque ele estaria horrorizado. Ele estaria fora de mim.

Sua filha matando, e porra, e mentindo.

Ele ainda me mataria quando penso que ele morreu tentando me salvar dessa vida.



Uma semana passa sem surpresas desagradáveis e nada de novo. Só um monte de sentar no quarto de Dornan, esperando por ele estar lá, e um monte de colocar nas minhas costas, sendo fodida. Todos os dias da minha vida estavam começando a parecer exatamente o mesmo, um dia morno verdadeiro para prostitutas vingativas.

Eu aprendo a morder minha língua e não responder de volta, tão impossível quando é para mim. Jase está apenas ao redor, e quando ele está ele não me olha nos olhos.

Isso me deixa muito, muito triste.

Estou deitada na cama de Dornan uma tarde, fones de ouvido, martelando minha cabeça,



ouvindo a lista de reprodução de vingança que Elliot fez para mim. Estou Boots are made for walkin<sup>4</sup> quando Dornan explode para a sala, gritando em seu telefone.

—Ele estava transando com *elas* —Ouço-o rosnar para o telefone, a voz baixa reverberando no espaço confinado. —Vi o seu armazém. Barris de metanfetamina pura empilhadas até o teto, e eles são as únicas que importam nessa merda através dos estaleiros de envio.

Desligo a música, intrigada, mas continuo o bop na minha cabeça quando não consigo ouvir nada do que ele está dizendo.

—Eles são nossos inimigos. É claro que eles querem-me foder.

A pessoa do outro lado da linha diz algo e Dornan parece acalmar no momento.

—Amanhã vamos montar, — diz ele. —Idiotas pensam que podem foder com meu filho? O meu clube? Vou queimar essa porra de armazém até o chão com eles dentro.

Ele joga o telefone para baixo, todo o seu corpo ficou tenso. Removo meus fones de ouvido e deslizo debaixo do travesseiro, junto com meu iPhone rosa. Ele viu, sabe que tenho isso, mas eu não o deixo perto no caso dele tentar tirá-lo de mim.

Ele se senta na ponta da cama e puxa suas botas pretas fora, soltando por seus pés. Deslizo, colocando a mão na parte de trás de seu casaco de couro, testando a reação dele.

Quando ele não me afasta, me arrasto para o seu colo e escarrancho sobre ele, correndo os dedos pelo cabelo preto curto. Minha perna está muito melhor e, apesar de ainda doer quando me movo assim, é suportável.

—Você está bem? — Pergunto, virando a cabeça para o lado um pouco. Fico olhando diretamente em seus olhos castanhos escuros, quase da mesma cor que dos seus filhos, e estou impressionado como eles são diferentes dos de Jase. As cores são as mesmas, mas o olhar em seus olhos são polos opostos. Um diz gentil, e os outros gritam predadores.

Coloquei minha mão entre nós, esfregando o local onde Dornan, normalmente, estaria duro com a simples visão de mim. Mas hoje não, ele está muito distraído, e é a vingança é a única coisa em sua mente. Ele puxa a minha mão e deixa cair entre nós, sorrindo.

—Você é uma boneca, tentando me fazer sentir melhor.

Dou de ombros. —Você pode falar comigo, você sabe, — digo. —Posso ouvir bem pra caralho.

Ele ri, e pela primeira vez o som é leve, sem intenção. É... normal. Estou abalada quando tento atribuir aquele riso aparentemente inocente com o monstro escondido dentro.

---

<sup>4</sup> Música de Nancy Warren <http://youtu.be/SbyAZQ45uww>





*Nunca baixe sua proteção, penso comigo mesmo. Última vez que ele foi doce o filho da puta esfaqueou você.*

—Sinto muito sobre sua perna, — diz ele, como se ele soubesse o que estou pensando. —Foi um dia ruim. Enterrar Chad... você não deveria enterrar seus próprios filhos, sabe? Eles deveriam enterrá-lo.

Espere... ele está se *desculpando*? Comigo?

Aceno, reprimindo um sorriso. —Eu sei. — *Vou enterrá-lo, não há problema.*

—O que Mariana fez foi tão ruim? — Pergunto a ele.

Ele suspira. —A cadela tentou levar o meu filho e ir embora. Com o fodido do meu melhor amigo. Roubou dinheiro suficiente da porra deste clube para nos arruinar.

*Então, ela tentou ter um caso com o meu pai.*

—Eu nunca vou fazer com você o que ela fez Dornan.

*Vou fazer pior.*

Ele passa a mão pelo meu cabelo, sua mente em outro lugar, e sorrio como eu percebo o que ele ainda está por confirmar.

Eu o tenho.

O filho da puta está começando a se apaixonar por mim.

—Empacote um saco, garota, — diz Dornan abruptamente. —Em alguns dias vamos embora. Você está andando comigo, e quando chegar lá, você vai me dar essa sua doce boceta.

Luto contra o desejo inato de revirar os olhos e sorrir em seu lugar. —Estamos indo em uma viagem?

—Sim. — Ele não oferece nada de mais, e não me atrevo a perguntar onde, mesmo que eu esteja morrendo de vontade de saber. Odeio surpresas.

—Devo fazer uma mala para frio, ou calor? — Pergunto, esperando que a questão seja neutra o suficiente. —Quero ficar bem para você.

—Calor, — diz ele. —Nós estamos indo para o interior.

Certo. É uma grande merda de país. Estamos indo para o leste em algum lugar, acho. Isso é um monte de estados.

—Baby...

—Sim?

—Coloque algo bonito. Um desses vestidos que mostra seus peitos. Amanhã vamos montar,





mas esta noite, fazemos a festa. Amanhã é aniversário de Maxi.

—O que você preparou? — Pergunto.

Um lento sorriso se espalha por seu rosto mal e vejo aquele brilho nos olhos que sempre significa problemas.

—Peguei duas virgens, — diz ele. —Nunca foram fodida antes.

—Uau, — digo, sorrindo, mesmo quando meu coração cai e morro um pouco mais para dentro.

—Você é um pai generoso.

Ele segura meu cabelo em punho, mais ou menos os lábios tocando minha bochecha. —Preciso de algo de você, também, menina.

Meu estômago agita.

—Qualquer coisa para você, — digo docemente.

—Essas meninas, elas têm experiência zero. E Maxi... ele é impaciente. Estava pensando que você poderia estar lá para guiá-las..., suponho.

Meus olhos arregalam. —Eu vou dar o melhor presente de aniversário que ele já teve.

Eu acho o pacote que Elliot deu para mim, embrulhado em papel celofane e amarrado com barbante será perfeito.

Penso em como se ilumina. —Claro. O que é uma ótima ideia.

É uma ideia brilhante do caralho. Meu sorriso é tão grande que estou preocupada que minha cara possa quebrar.

—Você é um bom pai.

*Eu vou levar Maxi tão alto, que vai vir batendo de volta a terra em um cataclismo de sangue e dor.*

—Será lindo, — sussurro contra seu peito.

## Capítulo 14

A parte que eu só apenas ouvi falar está em pleno andamento no final do corredor, quando entro na sala que abriga o bar. Estou usando um dos meus trajes de prostituta, com lingerie de renda, alças, um espartilho, e saltos de altos. Tudo preto.





Sou o anjo da morte, esta noite, depois de tudo.

Algo pisca nos olhos de Dornan quando ele me vê na sala.

Ciúme. Dominação. *Orgulho.*

Pertença a ele em sua mente, e embora tenha orgulho de me mostrar para todo mundo, isso também o irrita. Em sua mente, mesmo me deixar aqui com essas roupas escassas deve ser uma coisa enorme e algo que ele provavelmente só faz para animar Maxi, que está devastado pela morte de Chad. Os dois eram como melhores amigos, e parece apropriado que depois desta noite, ele vá ser enterrado no jazigo da família lado a lado.

Foi o mais longo dia de duas semanas de minha vida desde que Chad mordeu um dos grandes e teve um colapso no chão da garagem. Fui fodida e esfaqueada por um inimigo, beijado por um amante e embalada perto por outro. Perdi sangue e considerei quase fugir, mas esta noite, minha resolução está inabalável.

É justiça poética que no mesmo dia que Maxi entrou no mundo 28 anos atrás, no dia em que foi colocada no peito de sua mãe e tomou sua primeira respiração, é o dia em que ele vai sair dela. E enquanto todos ao meu redor estão comemorando mais um ano de vida, os meus lábios se curvaram para cima presunçosos com a certeza de que esta noite vai marcar seu último suspiro.

Ando através de uma multidão de vinte e poucos rapazes vestindo roupas de couro, bebendo cervejas e conversando de forma animada.

Dornan está de pé, com Maxi e Jazz e me aproximo dele. Assim que estou chegando à distância, ele me puxa para o lado, seus dedos enfiando em minha carne. —Lembre-se, — ele sussurra: —Você não transa com ele ou o toca. Certo?

—Certo,— digo, piscando para ele. —Vou ensinar aquelas meninas sobre como dar a um homem uma boa foda.

—Boa menina, — diz ele, batendo a cabeça. —Eu a vejo mais tarde, por isso. — Ele pega a minha mão e coloca em seu tesão.

Sorrio e espremo um pouco. — Vou ser rápida, — digo. —Uma hora, no máximo.

Ele balança a cabeça. —Tenha essas cadelas prontas. Vou mandá-lo para baixo em dez. Quero que ele tenha um bom aniversário, ouviu?

—Alto e bom som, — digo, me afastando e voltando para o corredor. Faço o meu caminho até o terceiro quarto do lado esquerdo e bato suavemente antes de entrar. Fecho a porta firmemente atrás de mim e olho ao redor.





Dornan já disse às meninas esperar no quarto de Maxi, uma caixa quadrada idêntica ao quarto de Dornan. Mesmo a cama está no mesmo ponto. Duas meninas se sentam na borda, fumando cigarros, sua composição lamentavelmente exagerada e suas roupas perturbadoramente apertadas. Uma loira, uma morena. Minha respiração pega na minha garganta quando vejo que elas são crianças, definitivamente não é legal, e sem a menor ideia do por que diabos elas só se inscreveram.

Há uma cadeira de madeira no canto, com os braços. Vai ser perfeito para as minhas necessidades. Eu retiro e sento na frente delas, cruzando as pernas languidamente, o meu braço sobre o lado da cadeira.

—Nomes? — Pergunto, olhando incisivamente de uma menina para a outra.

A da esquerda, a mais confiante a julgar pela sua linguagem corporal, limpa a garganta.

—Anna.

Concordo com a cabeça e olho para a outra, as sobrancelhas levantadas.

—Melody, — a morena diz categoricamente, estreitando os olhos para mim.

—Quantos anos você tem meninas? — Pergunto. —É imperativo que vocês sejam honestas comigo.

—Dezesseis, — dizem juntas.

—E você é virgem? — Pergunto.

Ambos acenam.

—E vocês estão aqui para fazer sexo?

As duas ombros e cabeça.

Meus olhos se dirigem para a janela, que está impedida de fora, assim como o resto delas.

Gostaria que não fosse.

Chutaria estas duas meninas para fora da janela e chamaria suas mães para vir buscá-las.

Então, novamente, se elas estivessem em um lugar como este, talvez eles tivessem mães como a minha.

—Vocês têm certeza que querem fazer isso? — Pergunto. —Este não é um lugar romântico, você sabe. Esses caras não vão parar uma vez que comecem. Vai doer.

A loira confiante olha para sua amiga que encolhe os ombros em resposta.

—Nós bebemos um pouco de vodca antes de chegarmos aqui, — diz ela. —Nós vamos ficar bem.

Suspiro. —Você não quer que sua primeira vez seja com alguém especial? A pessoa que você





vai se casar?

—Que porra é essa, senhora? — A morena diz, e tenho que dar os parabéns por se manifestar, mesmo que o *velhinha* me faça estremecer. —Nós sabemos o que queremos, e tenho certeza que diabos não queremos casar com ninguém, por isso, parar de tentar nos salvar.

—Nós queremos isso, — acrescenta a loira, pronunciando as palavras ligeiramente. —Maxi é quente. E ele é um Gypsy Brother. Se ele quer-me foder, vamos embora.

Concordo com a cabeça. Elas fizeram bem claro que elas querem ter relações sexuais com ele, e que tudo o que estou fazendo está de pé em seu caminho. Grande. Agora que sei que não posso impedi-las, elas podem muito bem ser uma parte do meu plano.

—Vamos lá, então, — digo, em pé e apontando para eles para me seguir. —Precisamos prepará-las para o aniversário do menino.

Entro no banheiro e volto para esperar quando elas me seguem dentro Empurrando a porta para tiro do meu sutiã dois comprimidos brancos que estava mantendo na minha mala para uma ocasião como esta.

—Quem quer ir primeiro? — Pergunto. A morena passa à frente, me surpreendendo. —Tímida, — digo. —Boa coisa. Abra a sua boca.

Ela faz o que digo e pressiono um dos comprimidos sobre sua língua. Ela engole imediatamente, sem medo.

—Agora vocês duas, tirem, — digo. — toda sua roupa íntima.

Estou agindo confiante, mas eu absolutamente odeio isso. Quero enviar essas meninas para casa. Quero que elas vão para a escola, em encontros inocentes, tivessem festas do pijama, e trancem o cabelo uma da outra.

—Alguma de vocês já viu um pau antes? — Pergunto casualmente encostado no banheiro balcão.

A loira me dá um olhar tão penetrante, que ia me cortar ao meio. —Que porra é essa? Isso é um teste? Eu chupo mais pau do que você já viu senhora. Mas eu estive me guardando para o cara certo... e Maxi me trata bem. Ele é um bom rapaz.

A morena olha para mim, horrorizada. —Você está velhinha ou algo assim?

—O quê? — Digo bruscamente. —Não.

—Então, por que o interrogatório? Estamos aqui para nos divertir e estourar nossas cerejas com o motociclista.





Aperto meus lábios fechados em resignação.

Há uma batida na porta e ouço a voz de Maxi. —Que porra de presente? — Ouço boom. A morena salta para fora do banheiro antes que eu possa sequer abrir a boca para dizer para ter cuidado.

Não que isso vai fazer alguma diferença, acho.

Essas meninas são tão estúpidas. Quero colocar algum sentido nelas. Mas não posso, sou egoísta e estou pensando em mim mesmo.

—Feliz aniversário, — Eu ouço dizer a ele.

## Capítulo 15

Quero vomitar, mas não posso. Estas cadelas estúpidas estão aqui de boa vontade. Quero acabar com isso, mas não posso.

*Essas meninas querem isso*, lembro. Elas vieram aqui por vontade própria e estão realmente animadas com a perspectiva de ser defloradas por um motociclista, ou talvez um grupo de motociclistas.

Idiotas.

Passo no banheiro com a loira, olhando através da fenda na porta quando Maxi atravessa a morena agora nua. Isso não demorou muito. Ele leva o seu pênis ereto e coloca em seu estômago, a ponta do mesmo terminando logo abaixo do umbigo.

—Oh, querida, — diz, forçando mais as pernas e posicionando-se em sua entrada. —Você viu como estou grande para você? Isso vai doer.

Ele empurra violentamente e ela grita. Aposto que isto não é como ela esperava que fosse. Aposto que pensou que seria glamoroso e sexy, sendo desejada e fodida por um motociclista, quando, na verdade, é apenas terrivelmente triste. Ela grita de novo, e ele ri, continuando a bombear tão duro quanto pode. Seus gritos desaparecem para gemidos ocasionalmente.

—Está doendo, — os gemidos da menina continuam quando ele continua a bater.

Maxi ri e tira dela, seu pau revestido em seu sangue. Grosso modo, ele muda, penetra novamente por trás. —Não minta cadela, — diz ele animadamente, rindo enquanto ela chora no travesseiro na frente de seu rosto. —Você ama quando eu a fodo.





Espero mais alguns minutos, a loira parecendo mais nervosa a cada segundo. Quero dizer que ela vai ficar bem. Quero dizer que não vai ser tão ruim assim.

Estaria mentindo, é claro.

—Aqui, — digo a ela. —Abra sua boca.

Ela olha para a pílula dúvida. Ela é mais inteligente do que sua amiga, e não ousada. Engraçado, eu achava que era o contrário.

—É um E, — sussurro, pressionando o tablet nos lábios. Ao ouvir isso, ela separa os lábios, toma a pílula que pressiono na língua e engole. Uma vez que tenho certeza que engoliu a pílula, aponto para Maxi, que está transando com a outra menina no esquecimento doloroso.

Eu só tenho mais alguns minutos antes da morena desmaiar. Não dei um E em tudo, parece. Dei um sedativo extremamente poderoso que vai deixá-la desacordada pelas próximas seis a oito horas. Ela não vai lembrar-se de nada.

Esperemos.

Fecho a porta silenciosamente e me movo para a sacola preta que eu trouxe para a sala comigo.

—Passe isso, sim?

Ela se abaixa e pega a bolsa, entregando-a a mim. Chego e tiro um pedaço enrolado de corda e uma máscara de cetim de olho preto que tem uma faixa de elástico ligado e entrego a ela.

—Você sabe como amarrar? —Pergunto.

—Eu acho que sim, — diz ela. —O que é isso? — Seus olhos se arregalam. —Eu não quero ser amarrada.

—Maxi gosta de ser amarrado. — digo. —Relaxe. Você é a única no controle, aqui.

Ela relaxa visivelmente. —Mais alguma coisa?

—Sim, — digo, apontando para as cordas. —Ele gosta de ser amarrado muito, muito apertado.

Ela acena com a cabeça e passa por mim quando sai do banheiro, e a vejo ir com um sentimento de naufrágio. Imagino o que Elliot pensaria de mim agora. Ele nunca falaria comigo novamente se visse a merda que estou fazendo.

Ainda.

Vejo através da porta do banheiro meio aberta quando a loira sai no quarto. Leva apenas um momento para Maxi vê-la e perceber que ela está muito mais acordada do que a menina semiconsciente embaixo dele.

—Bem, Olá, — diz ele, saindo da primeira menina e subindo na cama. —E como você está





querida? — Ela anda hesitante, provavelmente desacelerou pelos gritos iniciais de sua amiga e as drogas poderosas agora circulam seu sistema. Olho para a menina sobre a cama, que está passando frio. Estimo cerca de dez minutos que ele vá se juntar a ela.

—Ok, — ela respira, quando se aproxima dele lentamente.

—E qual é o seu nome? — Maxi pergunta seu pênis na mão quando ele a circula.

—M. Mel, — a menina gagueja. —Nós festejamos juntos montes de vezes. — Ela olha para sua amiga e vê flashes em seu rosto. —Ela está bem? — pergunta a Maxi.

Maxi ri. —Ela está ótima, — diz ele. —O que você tem para mim, mocinha?

Aperto os dentes quando ela segura um pedaço de corda em uma mão, uma máscara de cetim de olho preto na outra. —Tenho uma surpresa para você, — diz ela. —Tudo o que você tem a fazer é sentar e colocar isso.

Ele parece duvidoso no início até que ela sorri e lambe os lábios, olhando sugestivamente para seu pênis, e então ele está vendido. Corre para a cadeira no canto e senta, tendo a máscara de sua mão estendida e deslizando-a em seu rosto.

Ela amarra bruto e dá nós desajeitados em torno de seus pulsos e tornozelos, antes de roubar um pequeno olhar para a porta do banheiro onde estou escondida. Aceno encorajando, revirando os olhos depois que ela virou-se e ficou de joelhos na frente dele.

—Hum... — a menina diz hesitante.

—O quê? — Rosnados de Maxi, claramente impressionados.

—É só que... há sangue...

Claro que há. Ele simplesmente bateu a amiga virgem dentro de uma polegada de sua vida. Havia sangue.

Ele geme. —Só é para sugá-lo já porra, — ele cospe, pisando seus quadris para cima no ar.

Ela respira fundo e abre a boca, levando-o em sua boca. Não quero ver, então só ouço o baque.

Ele não leva muito tempo.

*Baque.*

Abro a porta do banheiro. A primeira menina ainda está passando frio na cama, uma pequena mancha de sangue vermelho brilhante entre suas pernas. A segunda menina caiu inconsciente no chão, além de Maxi, que está na cadeira e fica mais confuso a cada segundo.

Hora do show.

Pego meu pequeno espelho e a carteira de motorista da primeira menina, caminhando para o



quarto.

—Quem está aí? — pergunta, puxando as cordas que prendem os braços e as pernas na cadeira de madeira.

Sorrio, colocando meu espelho em uma pequena mesa e arrastando até onde Maxi está se debatendo. Puxo sua máscara para que ele possa me ver.

Ele pisca algumas vezes, me olhando de cima para baixo.

—Que porra é essa? — Ruge quando vê as duas meninas inconsciente. Sorrio lindamente, abrangendo, meus seios pressionados contra o peito.

—Você é um garoto de sorte, — digo, colocando um dedo sobre os lábios. —Seu pai tem um presente para você.

Chego por trás de mim e puxo as rendas de seda no meu espartilho sem alças, deixando abrir antes que caia no chão. Os olhos de Maxi praticamente empurram para fora de sua cabeça. Sei que ele está quente para me ter desde o minuto em que ele pôs os olhos em mim.

—Qual é o meu presente, — pergunta ele, lambendo os lábios, olhando para meus peitos. *Viciado.*

—Vou levá-lo tão alto, você nunca mais vai voltar para baixo, — digo, rangendo contra seu pau molhado.

Ele observa com os olhos arregalados quando inclino e pego o espelho empilhado com linhas de cocaína. Acumulo uma fileira com o cartão inofensivo à cocaína e pressiono com uma narina fechada, abaixo o nariz e respiro profundamente.

Foda-se. Vejo estrelas, brilhante, brilhantes, estrelas brilhando, quando o coquetel entra na minha corrente sanguínea e bolhas enchem meu cérebro, quente e delicioso.

—Sua vez, — digo, quando coloco o outro lado do espelho sob seu nariz. Bloqueio uma narina para ele quando respira uma linha.

Ele olha para mim com horror, asfixia, quando todo seu corpo espasmo debaixo de mim.

Acaricio o lado de seu rosto com a mão livre, sorrindo quando lambo meus lábios. —Feliz aniversário, — sussurro. —Seu *tarado*.

—O que você está fazendo, — grita, lutando debaixo de mim. Seus braços fortes puxam as cordas esticadas, seus músculos enrolam ameaçando encaixar, mas ele vai estar morto muito antes de estas cordas começarem a briga.

Franzo a testa em uma tristeza fingida. —Você não me perguntou meu nome, — Faço beicinho.





—Prostituta do caralho é o seu nome, — ele cospe, lutando como um animal selvagem preso embaixo de mim.

—Oh, continue andando assim, — gemo, zombando dele. —É uma sensação boa.

Enfio a cocaína de volta debaixo do seu nariz, mas ele se afasta, arqueando e resistindo e torcendo.

—Que porra é essa? — Ele exige com raiva, quando subo nele.

—Você sabe o que dizem sobre o seu passado volta para assombrá-lo? — Pergunto calma assim quando enfio o pedaço de fita adesiva em toda a sua boca. Ele não está esperando por isso, estava muito ocupado mantendo o olho no espelho cheio de coquetel envenenado para ver o que estou fazendo. Ele grita por trás da fita, seus esforços emitindo do nada, mas um pequeno som, quase imperceptível e definitivamente não perceptível para qualquer um fora do quarto.

A fita tem uma dupla finalidade: para calá-lo, e para selar sua boca, forçando-o a respirar pelo nariz. Ele vira e luta como um touro preso, mas sou paciente. Eu o deixo lutar por alguns minutos até que ele se cansa, e então retiro um saco plástico da minha calcinha, derrubando pó branco fino em minha palma. Pego um punhado de seu cabelo com uma mão, empurrando a palma da mão coberta de coquetel bem debaixo de seu nariz. Ele imediatamente prende a respiração, e um sorriso lento se espalha em toda a minha cara.

—Quanto tempo você consegue prender a respiração, Maximilian Ernesto Ross? Suas sobrelhas vão para cima, como se dissesse, *como você sabe o meu nome?*

—Oh, eu sei o seu nome. Sei tudo sobre você. Conheço-o desde o dia que nasceu neste clube de porra.

Ele ainda está ignorante, mas está começando a ligar os pontos. Inclino-me mais perto e lambo seu rosto, da mesma forma que ele lambeu meu rosto há seis anos quando me comeu quase até a morte. Faço beicinho. —Sou eu, Maxi. Julie. Tenho um novo rosto, mas ainda me lembro do que você fez para mim e minha família.

*Estalo.* De repente ele percebe exatamente quem sou, e fica sem ar. Ele chacoalha a cabeça violentamente de um lado para o outro, mas tenho um aperto firme em seu cabelo e minha palma meramente segue enquanto ele se debate, respirando o pó tóxico ao mesmo tempo.

O nariz começa a sangrar e seus olhos rolam para trás em sua cabeça momentaneamente, suas pupilas encolhendo a alfinetadas em seus olhos azuis frios.

—Você não gosta do meu presente? — Pergunto ironicamente, enquanto ele se debate





violentamente, derrubando a maior parte do pó sobre nós dois.

Ele me encara desafiadoramente, ódio e raiva irradiando, uma palavra abafada que soa como um *não* vindo da parte de baixo da fita adesiva.

Rio. —*Não minta cadela*, —Faço minha sua declaração anterior quando puxo a cabeça para trás e forço mais o pó debaixo do seu nariz sangrando. —*Você adora quando eu a fodo*.

## Capítulo 16

O momento da verdade. Maxi está morto.

Não haverá qualquer maneira de reviver para aquele filho da puta.

Desatei uma vez que seu coração parou de bater por dez minutos e coloquei na cama com as meninas. As cordas e fita adesiva estão debaixo da cama de Maxi, onde duvido que alguém vá pensar em procurar. O resto da cocaína é inofensiva indo por água abaixo, com apenas o coquetel cheio de estricnina, escondido em pequenos saquinhos nas bolsas de Anna e Melanie.

Não há nenhuma razão concebível para alguém suspeitar de mim.

Especialmente com o que estou a ponto de fazer a seguir.

Minhas roupas estão de volta e estou de joelhos no meio da sala. Quando eu olhar para a última linha de pó no espelho, estou começando a duvidar de meu plano. Mas a única maneira de fazer isso parecer genuíno é fazer com que pareça que eu cheirei a mesma merda que acabou de matar Maxi. Não consigo pensar em outra maneira de me tirar do âmbito de aplicação de qualquer suspeita. Dessa forma, essas garotas estúpidas vão aos policiais pela culpa por nos dar seu coquetel contaminado, e vou parecer como uma vítima também.

Congelo na posição quando ouço vozes na porta. Eu me esforço para ouvi-los sobre a música heavy metal, as suas vozes cada vez mais claras quando me concentro.

É Jazz e outra pessoa, conversando acaloradamente mesmo na porta maldita.

*Oh, meu Deus. Não entre.*

—Saia do meu caminho, mano, — diz uma voz.

Jase.

Merda, merda, merda! Se eles vêm e me veem, perfeitamente normal e consciente, enquanto





Maxi está morto e as duas meninas foram para fora, estou ferrada.

—Nuh-uh! — Jazz diz sua profunda risada assim como seu pai. — Não é seu aniversário, irmãozinho. Espere a sua vez, porra!

Ouço empurrando contra a porta e decido que é agora ou nunca.

Respiro fundo, fecho os dentes e respiro duro, o pó contaminado batendo em meu cérebro como um maçarico voltou-se para máximo.

O coquetel da estricnina queima dentro do meu nariz e me sinto uma trilha fina de sangue fazer seu caminho para fora do meu nariz, pingando no meu lábio. Tem um gosto amargo e metálico de uma só vez, como cola e moedas de um centavo que rodam em minha boca, e vômito no gosto.

O quarto gira em torno de mim e largo o espelho no chão, onde se quebra em milhões de pedaços. Sete anos de azar? Acho que já fiz o meu tempo.

—O que foi isso? — Jase late fora da porta.

Seguro a mão para pegar o sangue debaixo do meu nariz, tentando parar a bagunça, mas é inútil. Ele vai a toda parte, na minha garganta e no meu decote, a imersão em cima do meu espartilho. Tanto sangue para uma pequena quantidade de pó.

—Você acha que você é uma merda quente, — Jazz grita lá fora. Rastejo em direção à porta, as palmas das mãos e joelhos recolhendo pedaços afiados de vidro espelhado ao longo do caminho.

—Deixe-me entrar, idiota! — Jase grita.

—Quem diabos você pensa que é? — Demandas de Jazz, e ouço um punho conectar com osso. *Ouch.* —Havia apenas seis irmãos, entendeu? Seu pequeno bastardo. Você provavelmente nem sequer era.

Seus passos e vozes recuam que chego aos meus pés.

Agarro a maçaneta quando minha visão parece uma nuvem e uma nova avalanche de sangue começa a jorrar no meu nariz. Engasgo quando abro a porta e tropeço no corredor. A música no lugar é tão alta que é ensurdecedor, e estou tentando gritar, mas não posso me ouvir acima do Metallica estourando pelo corredor vazio.

*Estavam aqui. Para onde eles foram?*

Entro quando *Enter Sandman*<sup>5</sup> pulsa através de mim, e a estricnina faz buracos no meu cérebro. Caio de joelhos, de repente entrando em pânico quando estou com sérios problemas no momento.

*É melhor eu não morrer,* penso comigo mesmo, quando rastejo em direção à cozinha.

<sup>5</sup> Música do Metallica <http://youtu.be/CD-E-LDc384>





Certamente haverá alguém lá dentro.

Paro, ainda sufocando e sangramento no nariz que queima. Não devia doer assim, apenas uma pequena linha. Meu cérebro está gritando, todo o meu corpo está zumbindo furiosamente, e o sangue não vai parar de derramar do meu nariz.

Paro e inclino contra a parede interior da cozinha. Ninguém.

Foda-se!

Respiro rapidamente, apertando a ponte do nariz para tentar conter o fluxo de sangue. Então, acho que é provavelmente melhor do que deixá-lo sangrar e obter o máximo de coquetel da estricnina fora do meu corpo quanto possível. A acumulação de rajadas de sangue e respingos no meu peito aumenta quando tomo de volta para os meus pés a polegadas da parede, de volta para o corredor.

Viro a cabeça para a linha de quartos no final do corredor. Pelo menos um deles tem que estar ocupado.

Mas eles não estão. Bato na primeira porta de Dornan e espero, seguindo pela segunda e terceira porta. Estou clamando por ajuda até agora, preciso de alguém para me encontrar e chamar uma ambulância antes que essa merda me mate.

Esta foi à ideia mais estúpida que eu já tive.

Finalmente chego à porta de Jase, mas tenho quase certeza de que ele não está aqui.

*Deveria ter ido para o outro lado.* Há música e barulho e sou uma idiota para ir para o corredor escuro em direção aos quartos, em vez de ir para o bar e para as muitas pessoas que podem me ajudar.

De repente, uma mão fecha no meu ombro e estou girando sem esforço.

*Jase!*

Meu alívio se transforma em terror quando vejo Jazz elevando-se sobre mim, os olhos cheios de coisas que ele prometeu fazer comigo.

—Você está usando os sapatos, — ele respira. —*Fooddaaa* —Ele me bate contra a parede ao lado da porta do quarto de Jase, seu corpo cobrindo o meu.

—Eu sou o tipo de merda para morrer aqui, — murmuro, empurrando as palmas das mãos contra o peito duro.

Sua mão envolve minha garganta escorregadia, molhada de sangue que continua do meu nariz escorrendo.

—Disse que poderia ser organizado, — diz, sorrindo maliciosamente.

*Grande. Ele vai tentar-me foder enquanto este veneno tenta me matar de dentro para fora?*





Coloco a minha mão em um punho uma última vez e bato levemente na porta de Jase. A estricnina está na minha corrente sanguínea e agora minha visão está transformada, manchada e sem brilho.

—Uh-uh! — Jazz diz, agarrando meu pulso e cortar o meu braço para trás. —Jase não vai salvá-la desta vez, cadela.

Sinto meu corpo convulsionar, como se estivesse tentando encontrar uma maneira de expulsar o veneno que circula dentro de mim. Meus ouvidos zumbem furiosos e longe, muito longe, ouço uma porta aberta e uma voz irritada.

*É ele, eu sei que é.* Não posso fazer o que ele diz, mas me sinto melhor sabendo que ele me encontrou.

É a última coisa que ouço antes de me amassar como um pedaço de papel de seda e tudo ficar preto.

## *Capítulo 17*

Quando acordo, estou sozinha. É escuro, e ouço um sinal sonoro fraco acima do barulho do tráfego de Los Angeles fora.

Estou em um hospital.

Teto bege, paredes bege. Travesseiro fino debaixo da minha cabeça batendo. Estou encostada um pouco, então movo meus olhos secos ao redor da sala. Aspiro acentuadamente quando vejo que estava enganada.

Não estou sozinha em tudo.

Há uma figura solitária sentada ao pé da minha cama, os olhos negros brilhando no fraco elenco luz do corredor brilhante.

Ele não diz nada, o silêncio entre nós me deixando ansiosa.

—O que aconteceu? — Eu coaxo minha garganta cheia de pedras.

—Eu disse a você, você deveria ter saído, — diz ele, com amargura.

Ele se inclina para frente, e relaxo, vejo que é Jase, não seu pai.

—Meu irmão está morto e meu pai está prestes a iniciar uma guerra de gangues.





—O quê?

Ele se desdobra de sua cadeira, chegando ao lado da cama, onde se ergue sobre mim. Seus olhos são assombrados, seus traços beliscados com o estresse e exaustão. Um punhado de culpa e de auto aversão me dá um soco no meu estômago. Ele está sofrendo por causa de *mim*, outra marionete na minha busca por vingança.

—O que diabos você estava fazendo cheirando cocaína com Maxi e algumas das meninas menores de idade? — Ele pergunta.

Não sei como responder a isso, então simplesmente dou de ombros. —Não sei.

Ele parece insatisfeito com a resposta, então explico.

—Seu pai queria que seu irmão fosse a seu aniversário e que nunca fosse esquecer.

Jase bufa, claramente revoltado. Ele pega sua jaqueta de couro na parte de trás da cadeira e dá de ombros, pegando um capacete do chão.

—Até mais tarde, — diz ele, marchando para a porta.

—Espere! — Digo, lutando para me sentar. —Você não vai me levar com você?

Ele se vira lentamente, o sorriso em seu rosto algo que não pertence a alguém tão lindo como ele.

—Não, — diz. —Você vai ficar aqui. Você quase morreu porra. *Novamente.* Um arrepio percorre quando penso em quase morrer a seis anos, mas rapidamente percebo que ele está falando de Dornan me esfaquear uma mera semana atrás.

—Oh, — respondo.

Ele parece que ele está prestes a explodir, os músculos do pescoço saliente, as mãos fechadas em punhos.

—Você sabe, pensei que você fosse diferente, — diz ele, olhando para mim. —Mas você é exatamente o mesmo que o resto deles.

Jase joga algo na cama ao meu lado. Espio para baixo e percebo que é meu telefone.

—Ligue quando você tiver alta, — diz ele, sem olhar para trás.

Abro a boca para falar, mas ele se foi, e estou olhando para uma porta fechada.

Deito no travesseiro, me xingando pela minha estupidez. Isso não era para acontecer. *Eu quase morri?*

Acho que por alguns minutos, minha cabeça girou.

Maxi está morto. Dornan está em um tumulto de algum tipo. Jase está chateado comigo.





Isso deixa uma pessoa.

Percorro os três contatos no meu telefone. Dornan. Jason. *Tattoo Guy*. Elliot atende no terceiro toque.

—É melhor que seja bom, — diz ele, grogue. —Se você acordar minha filha, vou matar você, porra.

A filha dele. *Jesus*. Eu ia pedir para vir me pegar, mas não posso exatamente pedir para deixá-la no meio da noite para vir e me tirar do meu quarto de hospital.

—Desculpe, — digo em voz baixa. —Estava apenas... posso ir vê-lo?

Ele deve ter detecto que algo não está bem na minha voz, porque a próxima vez fala, ele está acordado. —Claro, — diz ele. —Tudo bem?

Olho para minha bata de hospital e a linha IV no meu braço. —Perfeito, — respondo. —Eu só sinto sua falta.

—Huh, — diz ele. —Claro que você faz.

Digo adeus e desligo.

Dez minutos mais tarde, estou andando na San Vicente Boulevard, vestindo nada além de um vestido do hospital amarrados nos laços na parte de trás, e abrindo quando a brisa bate, mostrando ao mundo meu traseiro. Eu não tenho sapatos e nada, só meu telefone que seguro na minha mão. São três da manhã e as ruas são muito tranquilas, meus únicos companheiros uma mulher sem-teto aleatória empurrando um carrinho, e as palmeiras farfalhando suave que a linha da rua, elevando-se sobre mim.

Estou doendo por dentro, a desolação da minha busca vingativa quase demais para suportar.

Mas vou suportar. Porque eu me recuso a sofrer. *Eles não vão me quebrar.*

Sou uma lutadora, depois de tudo. E esta luta está apenas começando.

Fúria sai e a solidão no meu peito me deixa com as sombras, e ando para o apartamento de Elliot.



*Incentive os revisores, comente sobre o livro neste endereço.*

<http://talionistw.wordpress.com>





*Todos os arquivos aqui postados são para leitura pessoal.  
É proibido postar e/ou anexar nosso conteúdo em outros blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.  
Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.*

